

ILUSTRAÇÃO



AN O
- 5.º -

Lisboa, 16 de Maio de 1930

PREÇO - 4\$00

Número

- 106 -



521

FIAT

CONFIRMA-A
TRADIÇÃO

FIAT PORTUGUESA S. A.

PALACIO DA AVENIDA - Avenida da Liberdade, 253 — Rua de Santa Catarina, 122

LISBOA - Tel. N. 2928

PORTO - Tel. 1094

RADIO TELEFUNKEN



Um aparelho Telefunken adequado para cada fim

Maravilhosa sonoridade na recepção de emissões longiquas
 — Eis a vantagem dos aparelhos **TELEFUNKEN** —

Telefunken 40

O receptor europeu com seleccionador de estação

Que recebe qualquer emissor europeu, susceptível de ser ouvido sem antena exterior. A sua simples manobra e o seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente dessiminado.

Preço Esc. 3.000\$00

Alto-falante melhor adequado

“Arcophon 5,, Preço Esc. 650\$00

Telefunken 31 W

O aparelho receptor de 3 lampadas, de ligação á rede de iluminação, que recebe grande numero de emissores potentes nacionais e estrangeiros sem perturbações e com a melhor tonalidade.

Preço Esc. 1.200\$00

A melhor reprodução do seu elevado rendimento obtem-se com o alto-falante **TELEFUNKEN**.

“Arcophon 3,, Preço Esc. 420\$00

TELEFUNKEN

A mais moderna experiencia

A mais moderna construção

AEG

SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215

Grande novidade literária:

**O H O M E M
QUE MATOU
O D I A B O**

**A última obra do mestre
==== romancista ====**

AQUILINO RIBEIRO

Acaba de ser posta à venda

1 volume de 360 páginas, brochado . . . 12\$00
Encadernado 16\$00

PEDIDOS ÀS

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Dominar-se o homem a si mesmo,

com presença de espirito e sem hesitações no tumultuar, no meio do ruido ensurdecedor, no bulicio vertiginoso das grandes cidades — é a primeira das necessidades da nossa epoca. A luta constante e encarniçada demandam nervos d'aço e tranquillos.

Esta energia nervosa é inabalavel presença de espirito que a acção, o sentir e o pensar da vida moderna exigem — criam-nas os

Comprimidos de Adalina

Os comprimidos de Adalina são um producto de confiança da Casa Bayer e ensaiado por milhares de medicos. Informe-se com o seu medico!



O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS

dá á pele uma beleza e uma frescura incomparaveis.

De finissima qualidade, quasi imperceptivel, não mascara e deixa na pele o seu perfume unico, persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIN STETTEN & C. Lda (110, RUA DA MADALENA LISBOA)

REPRESENTANTE NO PORTO: LUIS VEIGA — RUA DAS FLORES, 192, 1.º

Leiam o MAGAZINE BERTRAND

Saiu o número de Maio

Experimente-a Senhora!



Poucas são as sobremesas que, como esta, mereçam a aprovação de todos.

Eis uma receita maravilhosa, de preparo facil e de sabor incomparavel. Para experimental-a basta que V. S. tenha:

*3 colheres de Maizena Duryea, 1¼ litro de leite
¼ Taça de Assucar pulverizado, 5 ovos*

Separam-se as 5 gemas que se batem com 6 colheres de assucar. Adicione-se a Maizena Duryea dissolvida num pouco de leite frio. Junte-se o resto do leite e deixe-se a ferver por cinco minutos em banho-maria.

Unte-se uma fôrma com caramelo na qual se deita a mistura, e leve-se a forno moderado por meia hora. Retire-se em seguida do forno, deixe esfriar e cubra com merengue, preparado á parte com as cinco claras. Torne a collocar no forno até conseguir uma côr dourada.

A receita que descreve e illustra em côres este optimo "Pudim Surpresa" faz parte do livro de receitas culinarias da Maizena Duryea, que enviamos gratuitamente a quem nol-o pedir. Mande-nos hoje mesmo o seu nome e endereço e pela volta do correio receberá um exemplar deste precioso livrinho.

Carlos de Sá Pereira, Limitada
R. Arco Bandeira, 115 — LISBOA

Nome _____
Rua e No. _____
Cidade _____



MAIZENA DURYEA

Guerra Junqueiro e a Mulher

Nesta conferência, pronunciada no Ateneu Comercial do Porto e na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, pela distinta e conhecida escritora **D. Emilia de Sousa Costa** surge em toda a sua grandeza a personalidade literaria do assombroso poeta português já fallecido.

Preço 2\$50

*A venda na Filial do «Diario de Noticias».
Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11*

HISTORIA DE PORTUGAL

DE
Rocha Martins

Será distribuida com o 5.º tomo desta tão patriótica como util obra da divulgação historica uma magnifica capa para brochura, uma linda tricromia com as armas de D. João I

Reinado de D. Manuel II

Aclamação do novo Rei—O Parlamento—Viagem do Rei—Ministerios Campos Henriques e Sebastião Teles—A questão religiosa—A manifestação liberal de 2 de Agosto—Centenario da Guerra Peninsular—O Partido Republicano Português—A gravidade da questão politica—A revolução de 5 de Outubro—A proclamação da Republica.

As condições de assinaturas para a 2.ª edição desta *HISTORIA DE PORTUGAL*, serão brevemente apresentadas.

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

A Bruxa e os Malmequeres

DE

JOÃO SILVA

Este 27.º volume da «Biblioteca dos Pequenos» contém três formosissimos contos, que certamente, constituirão o encantamento de todas as nossas crianças.

Lindas ilustrações de Alfredo de Moraes

PREÇO: 5\$00

*A' venda na Filial do «Diário de Noticias».
Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11
e em todas as livrarias.*



faz desaparecer as sombras da noite, da mesma forma a Cafiaspirina afugenta os espiritos malignos da dor. Ao enfermo presta alivio e bem estar. As suas excellentes qualidades para combater as dores de cabeça, de dentes e de ouvidos, assim como os incomodos periodicos das Senhoras, jamais foram ultrapassadas.

Alem d'isso, a Cafiaspirina reanima e levanta as forças, sem atacar o coração nem os rins.

CAFIASPIRINA



A venda em todas as farmacias.

UMA INDISCUTIVEL VERDADE

CHRYSLER-SIX

6 TIPOS DE AUTOMOVEIS

SEMPRE OS MAIS PERFEITOS E SEM RIVAL

na aceleração fulminante, na duração comprovada, no silencio e na economia

AGENTE GERAL

A. BEAUVALET

Rua 1.º de Dezembro, 137 — Lisboa

CASA FUNDADA
EM 1902

NO NORTE

ANGEL BEAUVALET

Rua Santa Catarina—Porto

IMPERIAL

77
75
70
66
65



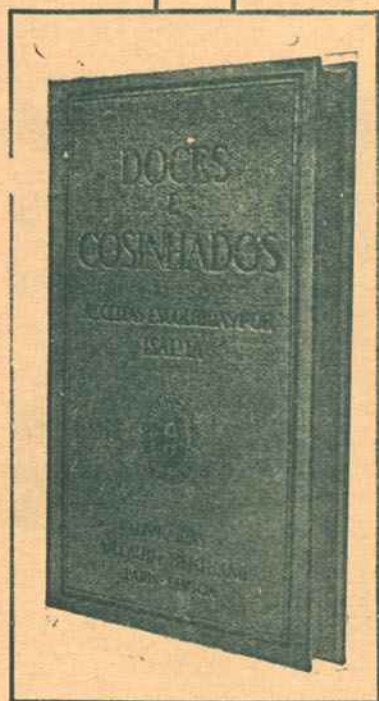
Reparai no soldado da lata amarela com faixa preta.



O "Sal de Fructa Eno", consagrado por sessenta anos de verdadeiros sucessos em todo o mundo, é o remedio mais eficaz para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo. De preparação salina efervescente, exempto de sal mineral purgativo, o "Eno" tem uma acção branda e suave, podendo-se tomar em todas as idades e em todas as estações do ano.

Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã e á noite.

SAL DE FRUCTA ENO FRUIT SALT
Depositaros em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD.
8. Caes do Sodré, LISBOA.



DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. 25\$00

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**Aos Estudantes dos Liceus
e aos Professores**

Recomenda-se a Coleção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são :

- | | |
|--|------------------------------|
| 1 — Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16 — Gil Vicente |
| 2 — Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17 — Camilo e o Centenário |
| 3 — Os melhores sonetos brasileiros (2.ª edição) | 18 — Júlio Denis |
| 4 — Alexandre Herculano | 19 — Júlio Dantas |
| 5 — Gomes Leal | 20 — Ex-libris |
| 6 — Eça de Queiroz | 21 — Sonetos contemporâneos |
| 7 — Guerra Junqueiro | 22 — Sá de Miranda |
| 8 — Eugénio de Castro | 23 — Nicolau Tolentino |
| 9 — Os eternos sonetos de Portugal | 24 — Garcia de Rezende |
| 10 — A Batalha (2.ª edição) | 25 — Latino Coelho |
| 11 — Bocage | 26 — Soror Mariana |
| 12 — Marcelino Mesquita | 27 — Ramalho Ortigão |
| 13 — As mais lindas quadras populares | 28 — D. João da Câmara |
| 14 — António Nobre | 29 — H. Lopes de Mendonça |
| 15 — Marquesa de Alorna | 30 — A Cerâmica |
| | 31 — Cartas de Soror Mariana |
| | 32 — Júlio Cesar Machado |
| | 33 — Manuel Bernardes |
| | 34 — Gonçalves Crespo |
| | 35 — Fernão Lopes |

Preço de cada volume da coleção: 2\$500

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

Todos devem ler

“A CARTILHA COLONIAL” de Pedro Muralha

Cujos capítulos são os seguintes :

- I — As nossas descobertas marítimas.
- II — As nossas conquistas.
- III — A nossa extensão territorial, população e divisão por zonas.
- IV — Cidades, rios navegáveis, portos, caminhos de ferro e climas.
- V — As possibilidades económicas das Colónias Ultramarinas.
- VI — As missões religiosas.
- VII — As correntes emigratórias.
- VIII — A colonização portuguesa em países estrangeiros.

Elegante cartanagem com mapas das nossas colónias e profusamente ilustrada.

PREÇO 5\$00

Pedidos à sucursal do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho.

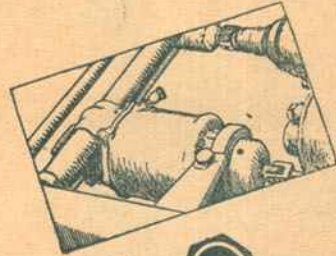


AS MANOBRAS MAIS AUDACIOSAS
PODEM SER FEITAS
COM UM

CITROËN

devido ao seu poderoso
SERVO-FREIO

(LICENÇA WESTINGHOUSE)

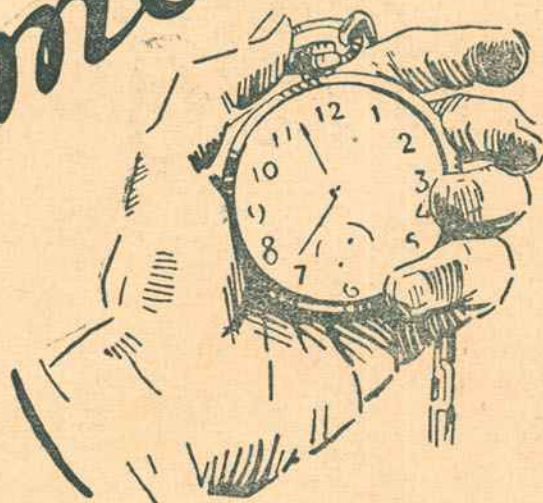


AUTOMOVEIS CITROËN

S. A. P. R. L.

44, AVENIDA DA LIBERDADE, 48 - LISBOA
AGENTES EM TODOS OS DISTRICTOS DO PAIZ

Como
Cronômetros



funcionam os motores
empregando

**AUTO-
GAZO**

Gazolina anti-detonante

VACUUM OIL COMPANY

Fabricantes dos Óleos Gargoyle Mobiloil 673

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Provisão)
Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 106

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

TODOS OS ASSUNTOS DE PUBLICIDADE TRATAM-SE EXCLUSIVAMENTE NA RUA ANCHIETA, 25 — TELEF. C. 1084

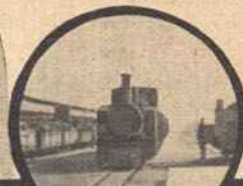
PROPRIEDADE DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD. *

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824

16 DE MAIO DE 1930

GRANDEZA E DECADÊNCIA DE Alves Reis

O homem, evidentemente excepcional na inventiva criminosa, que está acenado julgado por um tribunal colectivo pela chamada burla do «Angola e Metrópole», teve, a contrastar com a hora de desgraça e abatimento que sofre neste momento, horas de esperança no triunfo e até horas de verdadeira apoteose; gloriola efémera que a fatalidade pouco deixou durar. O nosso povo, de tão fácil sugestão, viu nele mais um Messias da interminável galeria de ousados que tem surgido, recebido rubros aplausos e logo desaparecido pelo alçapão inexorável da sua própria insignificância ou da sua desfaçatez. Angola esperou, um dia, de Alves Reis, a redenção sonhada e o homem que então espalhava o oiro era o mesmo que agora sofre os olhares inquisitoriais e o despriso de todos; é ainda e sempre o aventureiro nato, o criminoso de instinto ou fatalidade que o acaso quis nunciar dotado duma inteligência formidavelmente aguda e perspicaz que não sóbida e profunda. A máscara torturada de hoje sobrepõem-se, nesta página, momentos da vida solene de Alves Reis a Angola. O «Messias» agradecendo as manifestações populares, rodeado de pessoas à saída da estação de Mossamedes, a chegada do comboio especial (!!!) que o levou àquela cidade africana, um aspecto da recepção na gare, outro da saída para o automóvel e outro do falso passeio com as melhores famílias de colonos na próspera cidade; uma das melhores dessa Angola imensa que o «Messias» não conseguiu... salvar.



As fotos que reproduzimos nesta página são inéditas e foram oferecidas à nossa revista pelo nosso amigo sr. Rui Corte Real, distinto fotógrafo amador de Mossamedes. A máscara de Alves Reis foi desenhada do natural por «Tom»

(Reservados os direitos de reprodução).

(Reservados os direitos de reprodução).



MAHATMA GANDHI E A INDIA

O movimento Nacionalista na Índia obedecê a um plano. Ninguém pode dizer o que a Índia pensa neste momento. Os seus processos de luta que chegam a parecer paradoxais na Europa, inspiram-se no entanto, na verdadeira intransigência.

Tantos atritos violentos entre governantes, que usam de uma linguagem altaneira, e os governados que se presam de ter uma maneira delicada de sentir e pensar, soube a subtil diplomacia resolver com uma política de atracção. Mas hoje a Inglaterra que se encontra rodeada de tantos inimigos provocados uns pelo seu orgulho desmedido e outros pela sua ambição, creio que lhe será bastante custoso dominar, ou pelo menos suggestionar com promessas os campeões da independência da Índia.

Foi em 1919 que Gandhi pela primeira vez entrou verdadeiramente no cenário político indiano. Desde logo, soube conquistar no seu país a auréola moral de chefe, devido à sua alta cultura universitária e pela sua adorável sensibilidade. Foi êle, que com a sua grande alma animou, inflamou e abraçou a alma indiana e dela obteve o título supremo de *Mahatma*, que quer dizer o grande espírito identificado com o ser supremo, um novo *Avatar* de *Vixoni*.

Até àquella data da revelação *gandista*, o futuro chefe do movimento Nacionalista indiano vinha praticando uma difficil aprendizagem de espírito.

O seu primeiro acto político revestiu-se de um carácter místico e solene: foi um *hartal* geral, ou a suspensão de todo o trabalho em sinal de luto nacional.

Em seguida em 30 de Junho de 1920, em Allahabad com um grande alcance político convocou uma assembléa de importância capital. Foi nesta assembléa que Ghandi pôde demonstrar ao mundo o seu grande poder de chefe. Realizou a fusão dos elementos mais antagonicos da população indiana, e pela primeira vez os mussulmanos e os hindús confraternizaram.

Foi então que se pactou a tactiva da *não-cooperação*. Isto é, estava dado o primeiro passo para o *Hind Swaraj*, que é o governo da Índia pelos filhos da Índia.

Da idéa do *Hind Swaraj* derivou como

consequência lógica a boicotagem sistemática das escolas, das Universidades, das funções civis, militares e judiciais, organismos políticos e administrativos; a recusa dos títulos e distincções honorificas concedidos pelo governo inglês; e finalmente no domínio económico, a boicotagem de todos os produtos ingleses e em sua substituição a applicação dos produtos *swadishi* fabricados pelo artefacto indiano.

Ghandi satisfeito da marcha inteligente na execução do seu plano, enviou o ultimatum ao vice-rei da Índia lord Chelmsford que affectando um riso irónico chamou *absurdities* a acção do chefe indiano.

O movimento largamente se foi espalhando e intensificando, sendo o porta-voz da palavra de Mahatma o seu jornal *Young India* onde se pregava a *não-cooperação* e a *não-violência*, processo diferente, mas muito mais activo e proffcuo do que *Satiagraha*, a doutrina que êle tinha definido quando esteve no Transvaal e no Natal e que se resumia a *não-resistência à violência*.

Em Dezembro do mesmo ano reuniu-se em Nagpur o Congresso Nacional da Índia que foi a confirmação das aspirações do *Hind Swaraj* empregando para o obter todos os meios pacíficos e legítimos.

Posteriormente Ghandi querendo solidarizar-se com os irmãos Ali que tinham ameaçado o vice-rei com a proclamação da República Indiana e tinham sido presos, julgados e condenados, decretou a *desobediência civil* que era uma medida mais enérgica e consistia na recusa ao pagamento das taxas do governo.

Estava-se em 1921 e em 17 de Novembro quando o príncipe de Galles desembarcou em Bombaim, na sua viagem através do império colonial britânico, houve um solene protesto de *hartal* violento, e Ghandi para evitar as

consequências sangrentas suspendeu a ordem.

Reuniu-se nos últimos dias de 1921 o Congresso Nacional da Índia em *Amedabad* e Gandhi foi aclamado pela assembleia em delirio como ditador investido de todos os poderes. Houve a inserção de *voluntários* homens e mulheres que afrontavam a prisão ou a morte pela causa sagrada do *Hind Swaraj*.

Seguiram-se os acontecimentos de Bardoli e Chauri-Chaura, que tanto desagradaram à alma bondosa de Gandhi, que se retirou para a sua casa de meditações — *ashram* — donde saiu para ser prêso e condenado em seis anos de cadeia, pena que não chegou a cumprir.

A libertação de Gandhi em 10 de Fevereiro de 1924 foi consagrada com um dia de festas e procissões em toda a Índia.

O congresso de Lahore sob a presidência de Jawaharlal Nehru onde foi regeitada a moção da ruptura completa com a Inglaterra, tomou a resolução de alcançar a todo o preço a *autonomia nacional completa*.

O facto de Jawaharlal ter presidido a êsse congresso deu lugar a considerações novas. E a Inglaterra aproveitando-se destas novas considerações intensificou a sua campanha de descrédito contra a Índia. A-pesar dessa nova orientação para lograr a opinião politica da Europa o governo socialista do puritano Mac Donald não se encontra apto para responder às provocações silenciosas dos discípulos de Gandhi. E mais ainda, a Câmara do Comércio de Manchester recebeu de Delhi e de Bombaim ordem para suspender todos os envios de mercadorias. Agora resta saber se o chefe dos trabalhistas ingleses ordenando a prisão de Gandhi, feita em Jalapur, pensa dar começo a alguma das violências preparadas, querendo depois justificá-las como um meio de resistência contra a invasão e alastramento bolchevista na Índia, somente com o fim de salvar o trabalho de milhares de operários de Liverpool e Manchester.

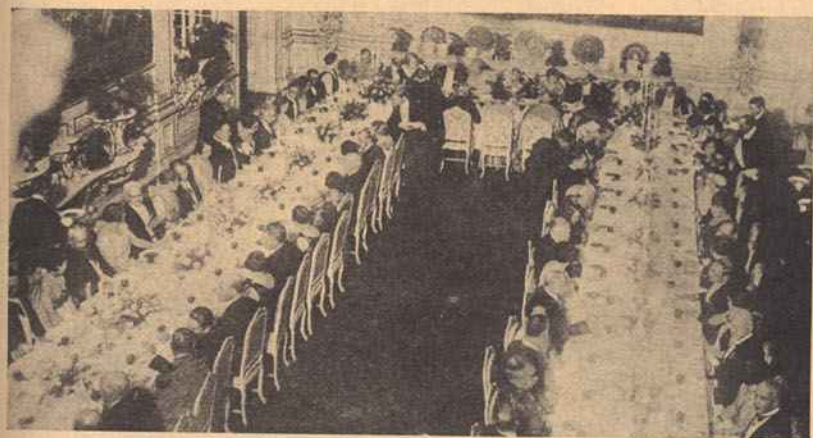
Se assim fór mais uma vez terá de se arrender a Inglaterra do seu procedimento para com a Índia que tem uma maneira muito estranha de sentir e pensar.

EUCARISTINO DE MENDONÇA.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA



Os ilustres advogados que intervêm na defesa dos acusados do caso «Angola e Metrópole» que se está debatendo ante o Tribunal Especial (Cliché «Ilustração»).



Aspecto do banquete de gala oferecido pelo sr. Presidente da República ao Corpo Diplomático acreditado em Lisboa (Foto «Ilustração»).



A REVOLTA DA ÍNDIA. — O burgo-mestre de Calcutá Sengupta, um dos mais fervorosos adeptos de Ghandi, coberto de arnaldis de flores e acompanhado por influentes nacionalistas, subindo para o barco inglês onde cumpriu 30 dias de prisão por ter secundado a «desobediência civil» (Foto Orrios).



Solange Maucraire, advogada e mulher bonita que acaba de ganhar uma causa em que ela própria era queixosa e ré a empresa proprietária dum «taxi» em que a beldade forense sofreu, num acidente, uma cicatriz no rosto, avaliada pela sentença em 46.000 francos de danos (Foto Orrios).



NO MEDALHÃO: — Artur Alves Reis e José Bandeira, os dois réus mais em foco no caso «Angola e Metrópole», ante o tribunal

EM CIMA, à esquerda: — A bancada dos incriminados na burla das notas «Vasco da Gama»

(Clichés «Ilustração»).



O juiz dr. Simão José, presidente do tribunal colectivo que julga os incriminados do «Angola e Metrópole» (Cliché «Ilustração»).



Paulo Kern é um alemão que fez a guerra, sofreu uma forte pancada na cabeça, curou-se, mas está há quinze anos sem dormir. O extraordinário ente vive em Budapeste e a sua vida tem sido controlada sem que se ache explicação para o fenómeno

(Foto Orrios).



PELO PAIZ — FÓRA —

A ESQUERDA — O IV CONGRESSO PEDAGÓGICO EM EVORA — Os congressistas, com o representante do ministro da Instrução, Arcebispo de Evora e governador civil, à saída do Teatro Garcia de Rezende depois da sessão inaugural do Congresso

(Foto J. Barão)

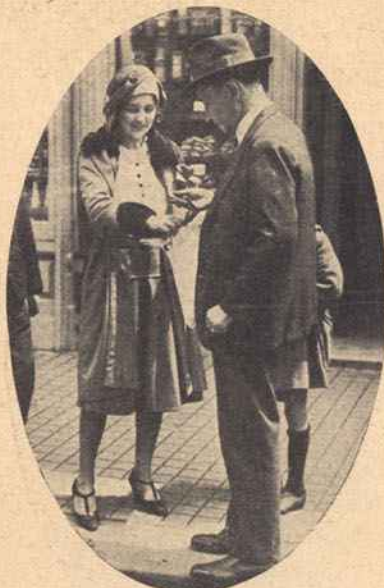
A DIREITA — Os congressistas na Câmara Municipal de Evora, após o encerramento do Congresso Pedagógico em que foram discutidas teses do mais alto mérito literário e científico

(Foto J. Barão)

EM BAIXO, à esquerda — Estudantes de Medicina da Universidade de Santiago de Compostela (Galiza), na cerca do Hospital da Misericórdia do Porto por ocasião da visita de estudo que fizeram à cidade invicta

EM BAIXO, à direita — Um grupo de vendedores de jornais do Porto que realizaram a sua alegre festa anual com um festivo passeio pela cidade

(Fotos Alvaro Martins)



NO OVAL DA DIREITA — Uma reunião do representante da C. P. e dos delegados das corporações económicas portuenses, no Palácio da Bolsa. Da esquerda para a direita: sr. António Domingues de Freitas, dr. Ray Ulrich, Ricardo Spratley, eng. Ferreira de Mesquita, Elenório da Fonseca, Xavier Esteves e Raúl Sousa Ferreira

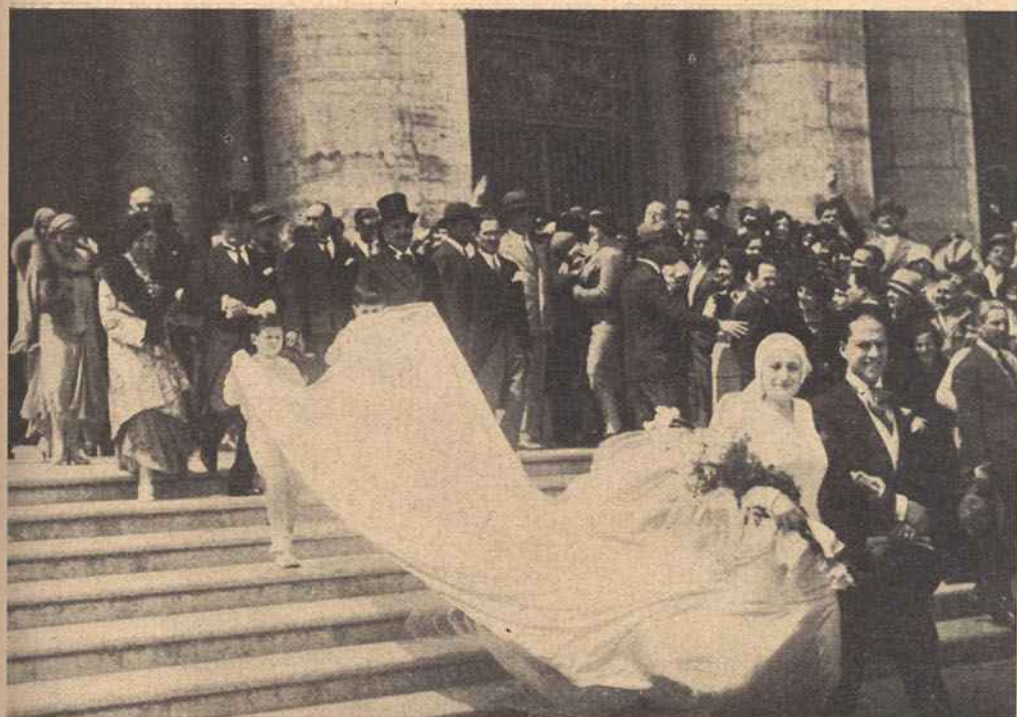
EM BAIXO — Senhoras que venderam flores a favor da Cruz Vermelha do Porto

NO OVAL DE CIMA — Na Festa da Flor. Pedindo um óbulo a um transeunte

(Fotos Alvaro Martins)



ECOS — E — FACTOS



A ESQUERDA — O casamento de Edda Mussolini, filha do ditador italiano, com o visconde Galeazzo Ciano. Os esposos saíam da Basílica de S. Pedro seguidos do *Duce*, que dá o braço à condessa Ciano, mãe do noivo, de S. E. Vecchi, o conde Ciano, pai do noivo e D. Raquel Mussolini, esposa do *Duce*.

(Foto Orrios, exclusiva).

NO OVAL, em baixo — S. A. a Infanta Eulália de Espanha, visitando em companhia da sr.^a Condessa de Gonçalves Pereira, a sede do Automóvel Club de Portugal, onde foi recebida pelos directores e secretário geral da prestimosa colectividade que se vem no grupo com a ilustre senhora.



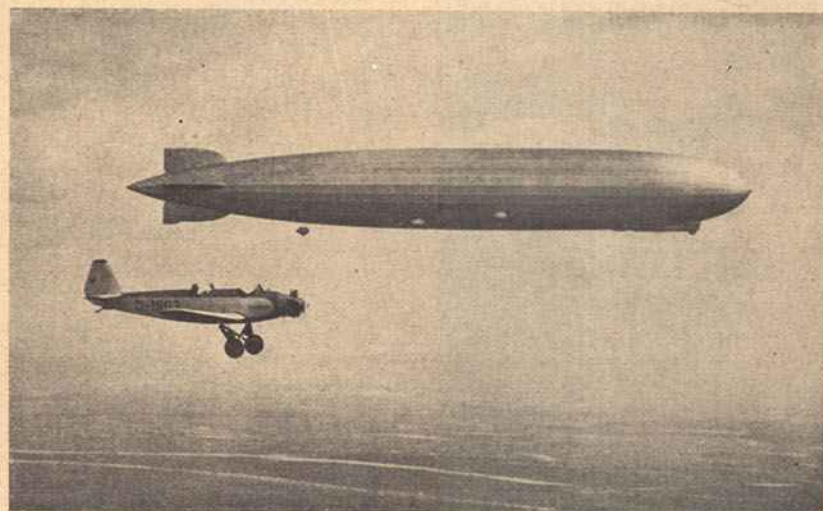
CONSEQUÊNCIAS DA CONFERÊNCIA NAVAL. — No dia seguinte ao encerramento da Conferência do Desarmamento Naval saía, pela primeira vez, para o alto mar, o cruzador de linha, alemão, *Schlewig-Holstein*, uma das unidades mais possantes da sua frota, que aqui vemos sulcando o canal «Kaiser Wilhelm».

(Foto Orrios).



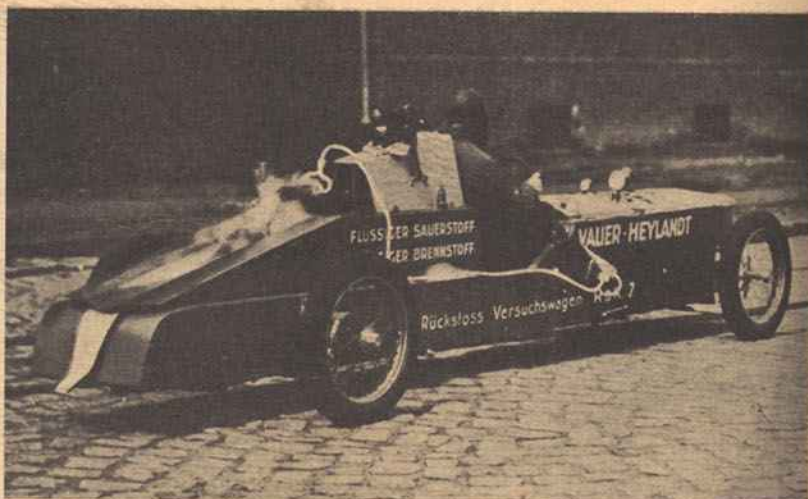
A DIREITA — Em Sevilha — O maior e o mais pequeno dos transportes aéreos: o *Graf Zeppelin* e o *Junkers-Júnior* pilotado pelo az Van Vloten, que esteve há pouco entre nós, voando, lado a lado, sobre a capital da Andaluzia.

(Foto do ilustre amador espanhol C. Sanchez del Pando, feita de bordo dum «Junkers» da U. A. E.)





A eminente cantora Florica Cristoforeanu, que acaba de cantar em Lisboa com o maior dos sucessos



O novo automóvel do engenheiro Max Vallier, movido por um foguete colocado na traseira do carro, carregado com um explosivo inventado pelo dr. Heylandt e que acaba de dar os melhores resultados, confirmando as experiências iniciais de Opel.

(Foto Orrios).



O ministro das Obras Públicas da França inaugurando a sessão do «Bureau International du Travail» em que se comemoram o 10.º aniversário deste organismo. A esquerda do orador (no 3.º plano da fotografia) o sr. Albert Thomas, fundador do «Bureau»

(Foto Orrios).



Uma estátua colossal do Presidente Hindenburg que vai ser erguida em Reinerz. É fundida em bronze e junto a ela vê-se o seu autor Prof. V. H. Seifert, de Berlim

(Foto Orrios).



NO OVAL: — Nas Regatas Internacionais de San Remo em que participaram cinquenta nações, O Catina T do Cav. Pozzani (Itália) vencedor de uma das provas mais difíceis

A DIREITA: — A nossa conhecida «yachtwoman» M.ª Virginia Heriot no seu *Ailée* com o qual, com mar tempestuoso, conseguiu, em San Remo, fazer as 12 milhas do seu percurso em 2 horas e oito minutos, sendo muito ovacionada (Foto Orrios).



EM BAIXO: — O pintor João Carlos, cujos trabalhos, recentemente expostos em Lisboa, alcançaram um êxito formidável de crítica e público



A
SITUAÇÃO
ESPANHOLA



NO MEDALHÃO: — O eminente filósofo, escritor e catedrático Don Miguel de Unamuno, que sofreu as maiores violências da ditadura espanhola e cujo regresso do exílio constituiu a razão de ser de muitos acontecimentos ocorridos em Espanha nas últimas semanas

EM BAIXO, à esquerda: — Chegada a Madrid, à estação do Norte, de D. Miguel de Unamuno, que veio dar conferências notáveis a Madrid, começando pelo famoso e extraordinário discurso no Ateneo. Os estudantes rodeando o venerando apóstolo antes das cargas da polícia, que ocasionaram feridos

EM BAIXO, à direita: — Chegada a Madrid da Família Real que regressava de Sevilha. SS. AA. o príncipe das Astúrias e Infanta Isabel, o presidente general Berenguer e outras personalidades, esperando o desembarque



NO OVAL, de cima: — Durante a conferência de Unamuno no Ateneo, em que o eminente escritor contou as amarguras do seu exílio e as perseguições da ditadura, as ruas apresentavam o aspecto belicoso da fotografia

NO OVAL, de baixo: — S. M. El-Rei D. Afonso XIII inaugurando o belo edifício que se destina aos órfãos dos empregados dos Caminhos de Ferro de Espanha. Ao lado do rei o general Berenguer, chefe do Governo

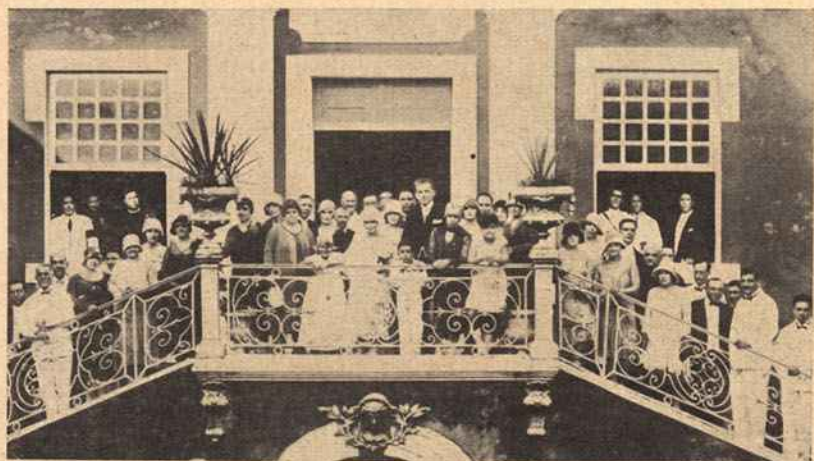


EM CIMA: — Uma fotografia flagrante do início dos tumultos em Madrid, sucedidos durante a segunda conferência de propaganda anti-dinástica que Unamuno pronunciou no vasto Cinema Europa, em Bravo Murillo. A polícia montada começando a distribuir pranchadas nos primeiros gritos subversivos

(Fotos Orrios exclusivas de Ilustrações).



A ESQUERDA, no oval: — Chegada a Lisboa do nosso ilustre patricio e conceituado industrial no Rio de Janeiro, João Crisóstomo da Cruz, fundador e director do Journal *Pátria Portuguesa* e revista *Lusitânia* tão queridos da colônia portuguesa no Brasil. O ilustre patricio com sua familia, amigos e jornalistas portugueses



EM MOCAMBIQUE — *Africa Oriental* — Casamento do sr. Carlos de França Doria Nóbrega, empregado superior da casa João Ferreira dos Santos, com a sr.ª D. Maria Guilhermina de Sousa Dias Costa e Silva, filha do sr. capitão José Júlio Botelho Costa e Silva, governador do distrito de Mocambique



Casamento realizado em Lourenço Marques, da sr.ª D. Virginia da Saúde Portela, filha da sr.ª D. Jôlia da Saúde Portela e de Agostinho da Silva Portela, já falecido, e o sr. Emídio dos Mártires, empregado comercial, filho da sr.ª D. Maria Margarida dos Mártires e de Francisco dos Mártires. Testemunharam o acto por parte da noiva, a mãe do noivo e o sr. José Gomes e por parte do noivo o sr. José dos Santos Rufino, conceituado comerciante daquela praça e o sr. José Pereira e esposa

A DIREITA: — A banda do Círculo Montemorense que realizou dois magnificos concertos na linda vila de Serpa (Foto B. Pombeiro).



MUSEU DO PRADO

MADRID



J A C O B
J O R D A E N S

Atalante e
Meleagro

**EIS O INSECTICIDA LIQUIDO
POR EXCELENCIA**

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)



O INSECTICIDA MORTOL

**POSSUI UMA EFICÁCIA DE 30 % SUPERIOR
A QUALQUER OUTRO**

A' venda nas principais drogarias, mercearias, etc., e por grosso na
SHELL COMPANY OF PORTUGAL, LIMITED.

SHELL

RUA DO CRUCIFIXO, N.º 49

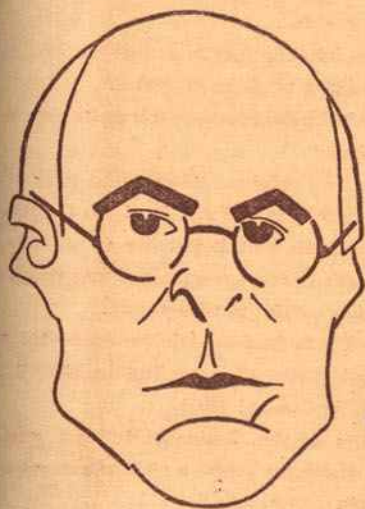
Delegações em Porto, Coimbra e Faro

Agencias em todo o País

NEW-YORK-LISBOA

COMO MR. LAWTON MACKAILL, ILUSTRE ESCRITOR E HUMORISTA AMERICANO

Quando entrei — vi três indivíduos, já de pé, cortezes à americana, torax inchados, braços arqueados, em propaganda dos bons



Mr. Lawton Mackaill

resultados da educação física, da boa saúde, da higiene, da lei seca e de todos os usos e costumes *Made in U. S. of A.* O amigo comum prometera-me uma pechincha jornalística: nada menos do que a apresentação de um escritor norte-americano — um escritor afamado, daqueles que escrevem contos policiaes para os magazines de muitas páginas; que escrevem romances, daqueles que teem umas capas tão coloridas e vivas como os cartazes do cinema; que escrevem peças para os teatros de Broadway e para os filmes de Hollywood; um autêntico escritor com cachimbo, máquina de escrever e muitos secretários; um escritor também *Made in U. S. of A.*... Que viajava por Portugal na companhia de dois industriais «new-yorkinos», seus companheiros de «cercle».

O meu amigo pronunciou um nome e indicou-me um dos três...

— Mr. Z....

Fiz um esforço patriótico, inchei quanto

DESCOBRIU PORTUGAL NO ANO DA GRAÇA DE 1930

O QUE A AMÉRICA PENSA E O QUE NÃO PENSA DO NOSSO PAÍS — «PORTUGAL FOR TWO» — O HUMORISMO «MADE IN U. S. OF A.» — A LITERATURA TRANSATLÂNTICA... E «MUCHAS COSAS MAS»

pude o meu pouco espaçoso torax, «Made in Portugal» e apertando a mão, saudei-o com um «caro colega»...

— Não... Não sou colega... São apenas industrial de produtos farmaceuticos — protestou Mr. Z.

Gaffe. Segunda apresentação:

— Mr. Lawton Mackaill...

— Industrial também... não é verdade? — indaguei.

— Oh! não... Sou escritor...

Segunda gaffe. A entrevista começava bem. Cadeira. Um delicioso Pôrto em bela desobediência à lei seca — e a primeira pergunta — a clássica:

— É a primeira vez que vem a Portugal? — A primeira. E não sei, palavra de honra, como consegui chegar até cá!

— Não existe outro país na Europa que seja tão desconhecido nos Estados Unidos — como o vosso...

Era animadora, não restava dúvida, aquela revelação. Mas havia outras. ouçam:

— Gosto de viajar e as agências de turismo enviam-me com frequência todo o seu material de propaganda... Possuo folhetos referentes a todas as nações do mundo, preços de viagem, orçamentos até às mais insignificantes despesas; nomes de hotéis, museus, teatros — tudo em detalhe... Até da Turquia... Até da Bulgária... De Portugal absolutamente nada!

— Mas de quem é a culpa...

— Ah! É vossa — já se vê. É que todos os países fazem a sua propaganda nos Estados Unidos. Sabem de cor os bons resultados financeiros que o turismo americano proporciona. Sabe que a França, a Itália, a Bélgica, a Holanda consideram o turismo americano como uma das mais quantiosas receitas da vida nacional? E por isso trabalham-no a sério, vastamente, activamente... Quer saber a única informação que obtive sobre Portugal, depois de percorrer todas as agências? Que não viesse! Que as estradas eram péssimas! Que nos hotéis não havia quartos com salas de banho e que... e que...

Mau! Se elle se engasgava — o que viria dali?

— E que a gente, sobretudo fora da cidade,



K bra!

...a gente, sobretudo fora das cidades, rise dos estrangeiros

se ria dos estrangeiros, como se fôsem monstros anti-diluvianos...

— E como se resolveu a vir até cá?

— Talvez por tudo isto... É que eu sou um escritor humorista... O humorismo é a minha especialidade. Nos *magazines*, nos romances, no teatro — dedico-me só ao género humorístico...

Olhou para mim, fixamente, como que a perguntar se eu duvidava. Depois prosseguiu:

— Achei humorístico vir até Portugal... Projectei logo escrever um livro pitoresco, humorístico... Apresentei a proposta a um editor que a aceitou logo profetizando-me êxito... Além disso tinha um pretexto admirável: a companhia dêstes dois amigos meus... Estava, pois, resolvido: viria a Portugal ver de perto se era verdade tudo quanto se dizia... Fomos encomendar os bilhetes: Nova surpresa: nenhuma agência tinha combinações de viagem com Portugal... «Porquê?» quiz eu saber. «Porque desde que estamos estabelecidos é a primeira vez que nos pedem bilhetes para êsse país...» Ainda na véspera da partida solicitei nomes de hoteis... A mesma negativa... Se eu quizesse informações a êste respeito sôbre Pekim ou Casablanca ou Sofia ou Varzovia — fornecer-me-hiam tantas quantas eu quizesse... De Portugal ignoravam mesmo se havia hoteis... Note o senhor que é preciso ser... humorista para depois de tudo isto vir até cá...

Sim! Realmente era um humorista... E eu estava achando mesmo muita graça àquele humorismo.

— E há quanto tempo está Mr. Mackaill em Portugal? — perguntei.

— Há oito dias...

— ?

— Ah! Mas estou encantado com o vosso país! Foi uma surpresa, uma verdadeira e deliciosa surpresa! E indignei-me, ao convencer-me do que havia de calunioso na fama que o vosso país goza na América. Indignei-me a valer...

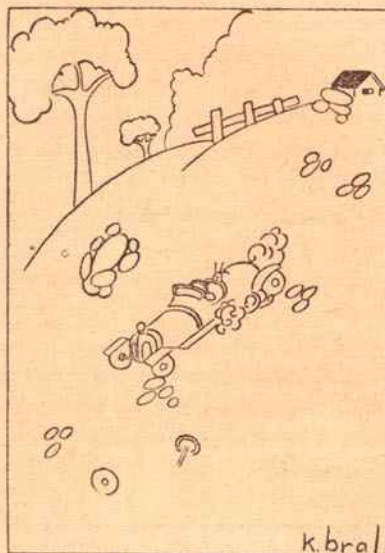
E os largos punhos de Mr. Mackaill agitavam-se, nervosamente...

— Indignou-se contra os seus compatriotas?

— Ah! Não! Contra os senhores! Contra os senhores é que eu me indignei... A culpa é dos senhores...

Não havia dúvida. Mr. Mackaill era um autêntico humorista.

Não descrevo o cenário da entrevista contra o que está determinado no «Manual do Perfeito Entrevistador» porque seria repetir o já muito descrito quarto do Hotel Europe... Recordam-se os senhores do que lhes disse, ao entrevistar a jornalista espanhola Tereza de Escoriaza? O presidente exilado da República Chilena, Alessandri? O general italiano Gossiepi, estranho electricista do futuro que me profetizou quasi sob juramento que a República dos Soviets caíria em 1924 e que a Itália seria em breve uma potência colonial? O misterioso Conde de Petrevesco, fidalgo rumaco que se intitulava dramaturgo e que acabou por fugir de Portugal, perseguido pela policia? E a bela Mary Svensk, domadora não sei de que género de feras, *et le mari aussi!* E o financeiro grego Dr. Kolpolcas? E



...que as estradas eram péssimas...

Sanches Mejias? E aquele extraordinário intrujão do Charles Dumesne, homem de letras e tretas que me pediu para declarar em seu nome que Portugal era o país mais encantador da terra e que, mal chegou a França, botou artigo de viagem intitulado «Portugal, l'Afrique de l'Europe»? Pois se leram alguma dessas e muitas outras entrevistas e se se recordam do prólogo infalível: («O nosso ilustre hóspede recebeu-nos gentilmente no quarto do Hotel Europe, etc...») poupam-me o repetir o-descriptivo do cenário.

Mr. Lawton Mackaill é um sujeito de mefaldade, de boas côres, olhos vivos e um sorriso quasi infantil de sincero que é, um sorriso que é o *ex-libris* do seu humorismo...

Proseguimos a entrevista:

— E como se intitula o seu livro?

— «Portugal for two» — «Portugal para dois» (uma gargalhada). É humorístico, não é verdade? É que eu penso descrever êste país através duma viagem dum casal de amorosos — e por isso é que eu digo... Portugal para dois... O livro está cheio de humorismo... Quer um exemplo? Descrevo o convento de Mafra e depois de explicar que o rei o mandou construir em hora da raíña, para comemorar o nascimento do primeiro filho — pergunto: «Se a Raíña tivesse tido dois gémeos que tamanho não teria o Convento de Mafra?» (Nova gargalhada). É humorístico a valer, não é verdade...

— Decerto...

Um intervalo para se encherem e para se esvaziarem os cálices do Pôrto...

— A literatura europeia tem muita voga na América?

— Casos isolados... Blasco Ibañez bateu vários *récords* de 1918 a 1926... Agora o grande livro do dia é «A l'ouest rien de nouveau», romance alemão que atingiu já uma tiragem de dois milhões de exemplares...

— Eça de Queiroz? Não conhece? Não! E Camilo Castelo Branco? Também não? E... Luís de Camões? Não?

Nem Camões. Realmente Portugal necessita começar a pensar a sério na sua propaganda.

Uma pergunta para rematar:

— A literatura profissional nos Estados Unidos vive em prosperidade?

— É uma profissão próspera — sem dúvida. Na América não se conhecem os amadores — nem são permitidos... Um escritor de mediano nome, trabalhando uma média de 6 a 7 horas por dia, pode ganhar uma média de mil dollars por mês. Há quem cobre 10.000 e 100.000 mesmo — como, por exemplo, Rodder Crower.

— E o teatro?

— Rende ao escritor quasi tanto como o cinema. Estreí, há um ano, uma comédia e já me rendeu perto de 30.000 dollars — e está longe de ter sido o meu maior êxito... Mas as minhas comédias são muito humorísticas... Eu sou muito humorista...

E foi assim, ao terceiro cálice de Pôrto, que terminou a entrevista com Mr. Mackaill, escritor e humorista, que descobriu Portugal no ano da graça de 1930...

REPORTER X.

O discípulo de Maquiavelo

I

A candeia soluçava fogachos lívidos, e pela parede cortada em rocha escorria a humidade dos séculos, como se fôsse a pedra a chorar máguas de outrora. Fatigado de gemer, o Bravor — velho cão palaciano — adormecera numa imobilidade estatúaria. Lá fora, esfarrapava-se o vento contra a penedia; e na tristeza da masmorra as horas, despercebidas, caíam na Eternidade.

A desditosa princesa Margarida recalcava a angústia no coração sufocando os soluços na garganta. Mais do que a desgraça, mais do que os insultos, doía-lhe que o noivo o brilhante duque de Santa Genoveva, pálido de susto, tivesse gritado em córo com a multidão revolta.

Na sua memória emaranhavam-se confusos e ruidosos os últimos acontecimentos; nítido, sobressaía-lhe apenas aquele rosto amado comprando a liberdade com a ignomínia. E era êle, o covarde, que nas horas felizes, ostentava na cota de armas, uma legenda de amor: «viverei para ti e por ti morrerei.»

Debruçado na mesa, o pai sismava os problemas insondáveis. Este rei deposto passara a existência a ajardinar a alma com espiritual cuidado dum neo-platónico da Alexandria. Nunca lhe entrara no coração o orgulho dos imperantes. Sentado num trono, fôra mais simples de que Epicteto, o escravo. A sua bondade refulgia nos *Sete Castelos da Dôr* e no *Espelho de Toda a Vida*, manuscritos de pensamentos morais, elaborados em silêncio, durante a triste realza. Começara-os no esplendor dos vinte anos, quando o povo fatigado do estrepito marcial dos reinados anteriores, o cobria de bênçãos.

Sob a cruz da rialza, seu primeiro cuidado, fôra reabilitar a virtude e fazer a paz. Cêdo porém, começaram as desgraças. A peste adejava sobre as cidades e os campos mais implacável de que a maldição dum poeta; e a seca espalhara pelo reino a desolação. De toda a parte chegavam clamores: nem a terra floria em pão, nem nas bocas floria o riso.

Sentindo como ninguém as misérias do povo, frequentava os hospícios nas horas torvas da epidemia, e mandara abrir os celeiros reais aos famintos... Pouco importava: o povo explorado pelos magnates, atribuía-lhe todas as calamidades e afixava, nas portas da Catedral, sátiras em que o comparavam aos tiranos antigos, aos heréticos, aos anti-papas. Se o viam triste gritavam que era remorso; se num desejo de reconciliação sorria ao povo, murmuravam que o fazia por troça, sem gota de piedade pela miséria. Até os cegos pelos caminhos asperos do reino, iam lançando ao vento canções de mal-dizer. Assim foi crescendo e rolando o ódio, até que certa noite mais triste do que as outras noites, o Duque de Sirénia desceu das montanhas espalhando o terror, o fogo, e a morte. E para ali o trouxeram destronado, à luz sangüínea dos archotes, sob as imprecacões da canalha. Fortalecido por longos anos de meditação estoica ouvira impassível a condenação ao patíbulo; affligia-o apenas a ingratidão dos homens e a desgraça da filha.

II

Devagar, a figura traiçoeira do dr. Gil entrou na masmorra. Fôra êle que tecera na sombra os fios complicados da revolução, quando regressou de Itália onde vivera alguns anos no séquito do esclarecido príncipe César Bórgia. Aí conhecera o enviado da Senhoria de Flo-

rença, Nicolau de Maquiavelo, homem extraordinário que, sonhando com o cesarismo romano, se propunha a transformar a arte da guerra.

Nos claros olhos felinos do dr. Gil reflectia-se uma ambição sem limites. Para conseguir a condenação à morte do velho rei sustentara com luxos de sabedoria, que êle perdera todos os direitos à realza. Entretanto mensageiros chegaram das províncias, informando que muitas cidades do norte não queriam reconhecer o usurpador e que o poderoso bispo de Gelia conclamara os barões e os prelados para uma grande empresa desconhecida. Atrás destas notícias, outras vieram. Uma tarde, um mendigo contou que para o sul o

reino estava em chamas; e certo cavaleiro, no regresso da peregrinação anual ao Santuário de Nossa Senhora das Flores, disse as truculências dos bandidos sobre as populações.

Por toda a cidade se reforçaram as sentinelas. E escutando os boatos agourentos o dr. Gil pensou, numa ingénua superstição de legista, em arrancar ao velho rei deposto, uma abdição.

Escutando-o o monarca teve uma surpresa: — A abdição dum condenado?! Tem graça... Mas afinal, porque me condenaram? Sempre fui clemente.

Num gesto, digno do pretório, o jurista interrompeu-o:

— A tua clemência fêz a vitória dos maus sobre os bons. Perdoaste ao assassino e às perdidas e a perdição e o assassinato campeiam em todo o reino. A clemência é inimiga da justiça; e o primeiro dever dum rei é ser justo.

— Justiça sem piedade é como juventude sem riso — respondeu serenamente o monarca. Pretendi antes de tudo ser bom; ajudar todos os desgraçados.

O jurista esboçou um sorriso:

— A excessiva caridade é mãe da vadiagem. E assim tu arranjaste uma legião de parasitas que foram o opróbio e a ruína do Estado.

— O que tu chamas parasitas são os deserdados a pérolas no gibão... mesmo me vesti de pano grosseiro.

— Reprimiste o luxo? — inquiriu o dr. Gil com escárneo. E o que lucrou a nação com isso, a não ser a ruína das indústrias e a miséria de milhares de operários?! Roma ganhou mais com a elegância epicurista de Adriano de que com a austeridade rectilínea de Marco Aurélio. Um rei que se veste humildemente quebra o sagrado mistério da rialza. Amado como ninguém foi teu pai, trazia versos bordados a pérolas de gibão...

— Eu não podia insultar a miséria do reino. O povo sofria...

— E o que fizeste tu em favor dêle?

— Tudo o que estava ao meu alcance. Abri-lhe os celeiros reais e firmei a paz.

A voz do jurista, alargou-se numa ampla solenidade:

— Os povos fortes detestam a paz porque desejam a vitória. Transformaste uma raça de heróis numa raça de cobardes. Onde estão os nossos antigos capitães célebres em todo o mundo? Tornaste-os mais frágeis de que mulheres, por isso nenhum te soube defender.

— Não há direito de sacrificar homens em sonhos vãos de glória; a guerra é contra a lei de Deus...

Ainda o monarca não tinha terminado já o dr. Gil formara o salto de fera:

— Enganas-te; a guerra é sagrada; todos os que amam a luz odeiam a escuridão. Cristo, segundo o Evangelista, proclamou não a paz mas a guerra — «eu sou o ferro!».

A princesa ergueu-se trémula de emoção religiosa:

— Não mistures o Santo Nome de Jesus com as tuas habilidades de sofista.

Tinha ao mesmo tempo aquela belêsa devota e fidalga das virgens de Bisâncio. Educado em pleno grito pagão da Renascença, o dr. Gil não compreendia nunca senão a belêsa triunfal das anatomias clássicas, e todavia, aquela rapariga de olhos abismais perturbava-o. Imaginou-a num trono vestida de linho puro, sob um resplendor de estêrelas. Para se libertar do encanto iniciou um discurso a respeito dos sofistas «contraditórios como a vida».





quando pela porta entreaberta chegaram gritos de raucor :

— Abaixo o tirano!

Pela primeira vez, o monarca sentiu uma grande cólera — a cólera terrível dos fleugmáticos :

— Tirano? Ninguém lhes deu tanta liberdade!

— Foi o teu pior erro. Confundiste lamentavelmente povo com plebe, semeando na alma da canalha ambições irrealizáveis. A multidão não precisa de liberdade, precisa de espectáculos. Lembra-te que os pobres não têm outra alegria, e tu nunca lhes deste nem a magnificência dum triunfo, nem o esplendor duma iluminação. Não podes perceber isto; tu és triste, nenhum homem triste devia reinar!

De novo o monarca se mostrou sereno :

— Se espalhei ódios foi involuntariamente; fiz tudo para derramar o amor e a concórdia. Todos os dias havia duelos e eu acabei com eles...

— É certo — disse com acentuada melancolia o dr. Gil — nos últimos anos do teu reinado ninguém se bateu em duelo. A vida bem sabes era tão miserável que não merecia a pena defendê-la.

A multidão ululou um grito mais forte : — abaixo o tirano! — e o dr. Gil voltou a insistir na abdicação. Alheado o monarca parecia não escutar, até que um soluço da filha o arrastou para o turbilhão das misérias humanas. A imensa piedade por esse ser franzino que arrastara involuntariamente na queda, levou-o a concordar com a abdicação e tudo o mais, desde que o dr. Gil lhe jurasse que faria todos os possíveis para lhe salvar a filha. O jurista hesitou, ladeando :

— Árvore rufim nunca deu bom fruto. A tua filha apresenta sintomas bem inquietadores; todos nós a vimos dançar melhor do que convém às mulheres recatadas. Mal vai quando as princesas se esquecem que a roca foi o septro maravilhoso de Lucrecia.

A princesa interrompeu-o chicoteando-o com uma frase de desprezo :

— Sois muito infame!

Fêz-se mais pálido ainda, estendendo as mãos em garra. Foi um instante; depois afixando a murça duntoral babujou voltado para o grande vencido como se a princesa não existisse :

— Podia mandar-te chicotear pelo insulto mas não merece a pena. És um homem caído.

Lentamente pôs-se a passear cortando o aposento em diagonal. Arrepentia-se de não ter jurado : enada o abrigava a cumprir um juramento feito por imperiosas razões políticas, e por piedade, para aliviar as últimas horas dum vencido condenado. Depois, porque não havia de salvá-la? Era um trunfo com que ficava contra o usurpador. Em volta dessa fíctiva figura de mulher seria fácil reunir os descon-

tentes, agitando a bandeira da legitimidade. Quem sabe?! Poderia mesmo casar com ela... É uma rajada de orgulho alteou-lhe o peito largo de ambicioso.

Então com toda a solenidade fêz o juramento.

III

Apinhava-se a multidão trémula de curiosidade para assistir à morte do monarca. As mães não queriam que os filhos perdessem este raro espectáculo; e os noivos esquiçavam-se do amor. Só os mercadores judeus, aproveitando tanta gente reunida, pensavam em negócios, exibindo preciosidades — martas de Moscovia, tapetes sírios duma moleza de serrallo, e essências em lavrados frascos da Boêmia.

No varandim rial, junto do usurpador, sentavam-se à direita o dr. Gil ostentando as insignias de chanceler, e à esquerda o Duque de Santa Geneveva. Este sentia agora toda a miséria da sua felonía. A própria mãe, tão boa que tratava os leprosos, se recusara a beijá-lo porque não conhecia cobardes. E pensava em se redimir por um acto de coragem, ao mesmo tempo heróico e romanesco.

Como não lhe ocorresse senão acções perigosas, consolou-se com a idéa que daí a pouco arranjaria ânimo.

Pensamento o rial condenado avançava entre os besteiros riais. Vendo-o o Duque de Sirénia perguntou ao jurista pela princesa. Perturbado, o dr. Gil explicou, que era melhor perdoar-lhe pois uma simples rapariga abandonada, nenhum mal lhes poderia fazer. Seria bom impressionar a plebe com um acto de clemência.

O carrasco ageitou o pescoço do monarca sobre o cepo da execução.

Comovido, o Duque de Santa Geneveva fechou os olhos, abrindo-os logo em seguida por uma força irresistível. Atropelou-se-lhe o sangue no coração; viu os homens e as casas andarem à

roda. Querendo respirar levantou-se, mas caiu desamparado, numa rigidez de cadáver.

Um riso brutal inundou a face barbi-ruiva do usurpador :

— Levem daqui esta mulher!

Do alto do estrado o carrasco mostrava para exemplo, a cabeça do monarca esparrinhando sangue.

A assistência teve um arrepio; depois, sentindo o ancestral amor pela carnificina, pôs-se a farejar outras vítimas. Uma mulher, num grande gesto de sibila ébria, apontou para a tribuna rial mostrando os triunfadores :

— Aqueles, são da mesma raça maldita.

Houve um espanto, logo seguido duma imensa gargalhada que retiniu com a sonoridade metálica das lanças batendo nos escudos.

Em tropel, correram para a tribuna rial. Os archeiros tentaram uma debil resistência e no alto do varandim destacou-se, um momento, pálido de morte, o dr. Gil pretendendo falar à turba.

Romperam de todos os lados vozes confusas, apupos e zombarias.

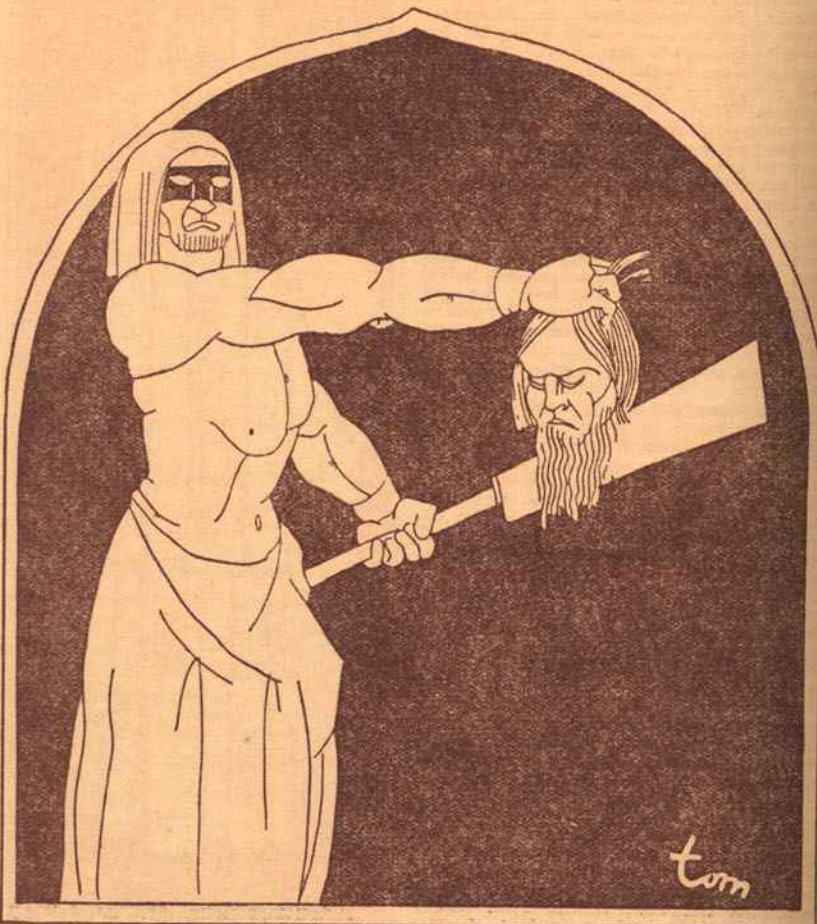
As risadas sucederam as contrações de raiva. Uma volupia sanguinária dilatava as narinas. No meio das blasfêmias e dos gritos de ódio começou a hecatombe. Misturavam-se os cadáveres dos serviçais...

Sobre o corpo do insigne Duque de Sirénia um bobo dizia chocarrices; e, insatisfeita, a multidão arrastava o cadáver do dr. Gil, criando-o de injúrias.

Longe do clamor, encostado ao patíbulo, ficara apenas o carrasco, enojado com aquela forma de matar sem dignidade, prenúncio de grandes desgraças. As primeiras estrélas acordavam no céu impassíveis aos dramas da terra, e o carrasco piedosamente cobriu o corpo do monarca :

— Meu bom senhor, não tenhas pena, foste o único que morreu nobremente dum só golpe, sem encontrões nem pragas.

MÁRIO DE ALBUQUERQUE.



Mulheres

Uma sala alegre e clara. Conforto, elegância, sobriedade. Maria Luísa e Maria Clara conversam, aninhadas num grande divan. Pela janela entreaberta uma réstca de sol põe nos louros cabelos de Maria Clara uma nota fulva, quente, voluptuosa. Na sombra, os cabelos negros de Maria Luísa tornam-se mais negros ainda, negros como os seus olhos tristes.

M. CLARA — Maria Luísa, venho dizer-te um segredo, um terrível segredo.

M. L. (num sorriso) — A cor do teu último vestido, «coquette»!...

M. C. — Não brinques. O que venho contar-te é muito sério.

M. L. — Sério? Não acredito.

M. C. — Mais do que sério. É grave.

M. L. — Estás a brincar.

M. C. — Venho dar-te a maior prova de confiança e de ternura. Venho abrir-te o meu coração... Maria Luísa, eu tenho um grande segredo na minha vida.

M. L. — O da tua idade?



M. C. — Peço-te que não brinques. Ouve. Eu tenho um grande pecado na consciência.

M. L. — O da tua garridice?

M. C. — Maria Luísa, peço-te que deixes de ver em mim uma boneca... Eu sou uma mulher... Ouve bem, uma mulher. Já não tenho 20 anos.

M. L. — Ninguém dirá que tens tantos. Mas vamos ao pecado. É original ao menos?

M. C. — Infelizmente nem isso. É o pecado de toda a gente. Do nosso tempo, da nossa época, desta sociedade reles em que vivemos... (um silêncio) Sabes que sou casada há 6 anos?

M. L. — Assisti ao teu casamento. Adiante.

M. C. — Sabes que sou adorada por meu marido, que tenho um filhinho que é a luz dos meus olhos, que tem sido, até hoje, a razão da minha vida?

M. L. — É natural. Os filhos são a nossa obra mais perfeita, aquela em que nos revemos com mais orgulho, por isso mesmo a mais amada.

M. C. — Maria Luísa peço-te que respondas correntemente o que te vou perguntar. Julgas-me uma mulher honesta?

M. L. — Absolutamente.

M. C. — Pois... não sou.

M. L. — Estás a brincar.

M. C. — Infelizmente não eston. É dolorosamente verdade o que te digo. Estas coisas não se dizem a brincar, minha querida... Eu não sou já uma mulher honesta.

M. L. — Tens um amante?

M. C. — Ainda não.

M. L. — Ainda não? Quer dizer...

M. C. — Quer dizer que vou ter.

M. L. (num assombro) — Assim, premeditadamente!

M. C. — Assim, simplesmente. Mas, se não sou já uma mulher honesta, não sou também ainda bastante desonesta para ter um marido e um amante. Por isso tenho que optar por um. Opto pelo amante... É este o meu destino, não se discute... Maria Luísa, venho dizer-te adeus. O Sud amanhã leva a tua amiga para o desconhecido, para a aventura, para o amor.

M. L. — Para o amor?

M. C. — Sim. O maior dos amores que pode caber no coração duma mulher. Por ele deixo o meu filho.

M. L. — Então é uma loucura se quizeres,

mas amor não é. Para se amar um homem não é preciso abandonar um filho. O amor dum filho não se troca, Maria Clara.

M. C. — Eu vou trocar.

M. L. — Porque estás louca.

M. C. — Porque amo.

M. L. — Isso que tem? Pode-se ser amante sem se deixar de ser mãe. E... há quanto tempo dura esse... amor?

M. C. — Há 15 dias que nos amamos. Nunca mais fui senhora da minha vontade. Aquele homem é tudo para mim, é a minha vida, e pela vida tudo se abandona, deveres, convenções, amizade...

M. L. — Tudo menos o amor dum filho, ainda que ele não seja um filho do nosso amor. É teu marido?

M. C. — Deixo-lhe uma carta contando-lhe tudo. É melhor ser cruel que desleal. Ele é bom, saberá compreender-me, perdoar-me. Ao menos não o engano.

M. L. — É uma teoria.

M. C. — Honesta.

M. L. — Relativamente.

M. C. — Achas então que deveria jantar... o marido e o amante.

M. L. — Acho que deverias preferir...

M. C. — E o que faço.

M. L. — Preferir o marido que te dá há seis anos o melhor do seu amor, ao amante que conheces há 15 dias, e em cujo amor não podes confiar.

M. C. — O amor vem numa hora.

M. L. — E fuge num minuto. Ouve, Maria Clara. O que vais fazer não é apenas um crime vulgar duma mulher que abandona o lar. É um crime de lesa ternura. A ternura infinita com que o João te tem acarinhado, amparado há 6 anos, sem uma falha, sem um esmorecimento, e que tu vais deixar por alguém que desconheces quase.

M. C. — É o amor que me chama, Maria Luísa. Se tu souberes o que é o amor... Se tu souberes... Mas tu és a mulher fria, grave, serena, sem arrebatamentos nem paixões...

M. L. — Rscuta, Maria Clara. Eu também tenho uma história, a história de dois amores que me enchem a vida. Um, violento, forte,

arrebatador, outro, calmo, sereno, doce. Dois homens me amam igualmente, mas a forma de exteriorizar esse amor é que é diferente. Um, faria todas as loucuras, todos os arrebatamentos, todas as violências para me possuir. O outro, não faria nada para me reter, mas morreria se me perdesse. A minha alma, a minha carne, o meu amor, chamam por aquele que me quer. O meu carinho, a minha grande amizade, estão com aquele que me tem. Por essa amizade, sacrifico o meu amor. Para não fazer sofrer o homem de quem sou amiga, a quem me liga um passado de carinhosa ternura, não hesito em sacrificar aquele amor. A amizade, em mim, vence o amor.

M. C. — É que não amas. Se amasses, nada te prenderia. O amor é que dá leis na vida, tudo justifica, cega, arrebatada, vence. Cala todos os outros sentimentos.

M. L. — Menos a consciência, que te há-de falar duramente quando acordares dêsse sonho, minha pobre amiga. Verás.

M. C. — Queres que fique como tu, toda a vida sacrificada... Tu ficas toda a vida assim?

M. L. — Toda a vida? Não sei. Até que Deus queira, mas se fôsse mãe poderia já dizer-te... até à morte.

M. C. — Então é que tens pelo Luís ao menos um restinho de amor?...

M. C. — Sou a sua grande amiga, a sua companheira, a sua camarada... quase a sua mãe... O meu lugar é aqui... uma mãe nunca abandona o seu filho.

(Um silêncio. Maria Clara repete como um eco):

— A sua mãe!...

M. L. — Então... é amanhã (ternamente) Pobreinhos...

M. C. (num sonho) — A sua mãe...

M. L. — Então, amanhã, no Sud?

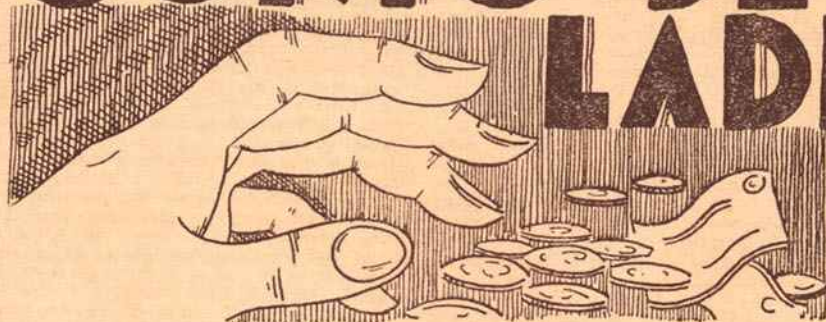
M. C. (como quem acaba de tomar uma resolução, e tem medo de a não poder cumprir, quasi a pedir que a guardem, que a escondam, que a defendam) — Amanhã, venho cedo, almoço contigo, não me deixes sair não, Maria Luísa... Como se fôsses minha mãe.

ALICE OGANDO.



CONTO DE LADROÃES

POR **Hernandez-Catá**
 ILUSTRAÇÕES DE **IBERINO DOS SANTOS**



O criado de libré deu volta ao comutador, e, ao mesmo tempo que a luz resgatava às trevas os doirados esplendores da Sala dos Conselhos, fêz-se a um lado para dar passagem às cinco personagens, curvando-se numa reverência quasi medrosa.

Há muito tempo que não os via juntos. A última vez foi quando da famosa quebra do *Crédito Agrícola e Naval*, que encheu de falsidades tantas colunas de jornais, lavando mares de lodo com riachos de ouro, e levando a miséria e a blasfêmia a lares acostumados, antes, a uma pobreza resignada. O seu próprio pai teve de vender, pela centésima parte do custo, as duas únicas acções, o que equivalia a ter amealhado as suas economias inútilmente durante seis anos seguidos. Mas, em compensação, esta desgraça trouxe-lhe o trato com financeiros, proporcionando-lhe uma oportunidade para colocar o filho num posto, graças ao qual, apenas por levar papéis e fazer reverências durante nove ou dez horas diárias, era dono duma libré azul e de trinta moedas de prata no último dia de cada mês. Daí que, o vê-los outra vez juntos, fôsse para êle como a presença dum preságio ameaçador e cósmico: cêreo de sangue na lua ou fumarolas sôbre pacíficas montanhas.

Excepto o estrangeiro lampinho, que não conhecia, e o seu director, junto de quem envelhecia paralelamente, pareceram-lhe todos quasi caducos. E quando os viu entrar, pensou, quasi com pena, nos trabalhos porque aquelas mãos trémulas tinham passado a pastorear êsses gigantes chamados milhões,

cujo passo atrai e absorve as economias tímidas ou audazes do povo.

O ancião da cara de cavalo de xadrês, doente do fígado, disse-lhe :

— Apague a aranha grande ; é melhor. Basta com a lâmpada da mesa.

E justificou, voltando-se para os outros :

O director do Banco julgou oportuno desculpar-se, e explicou :

— Se os reûni aqui foi por uma questão de tempo. Bem sabem como estou. E se isto ainda fôsse pouco, o empregado da Bôlsa adoeceu-me ontem ; com a incerteza dêstes dias seria perigoso o menor engano. E, como o nosso assunto urge...

— É claro, é claro.

Quem a cada passo afirmava assim a sua certeza, tinha, no seu olhar intranquillo de antilope, algo de susto e suspicácia, incompatível com a sua afirmação favorita. Indicando os cômodos *maples* de acamada pele, propôs :

— Porque não nos sentamos ?

— Pois sim.

— A presidência compete a V. Ex.^a por direito próprio.

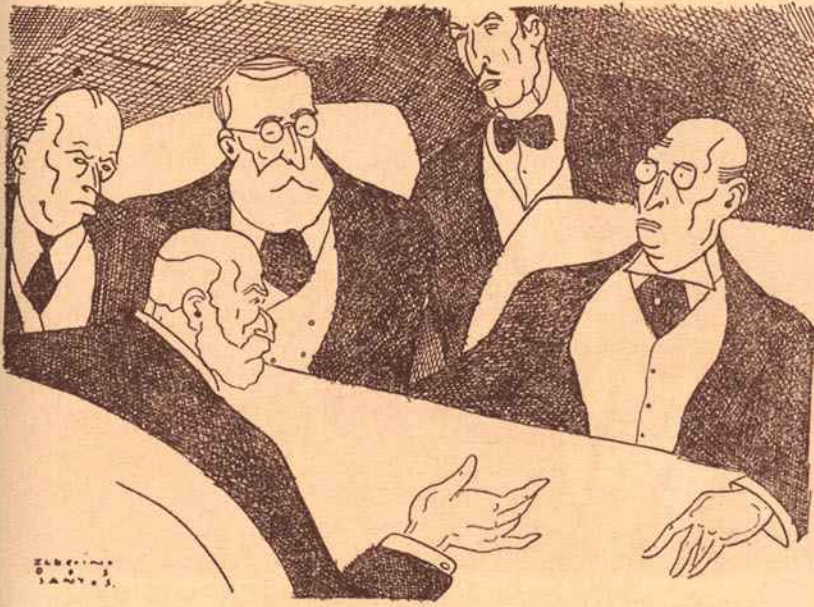
Houve uma discussão protocolar e, finalmente, um velho de barba rala e arfante obesidade ocupou o lugar directorial, tendo ao seu lado, como mentor técnico, o estrangeiro que o criado não conhecia. Já sentados, a luz à altura dos rostos, descobriu melhor olhares e feições. Excepto o estrangeiro de nariz em forma de bico de ave de rapina, pupilas apaixonadas e lábio sinuoso—belga de pátria e israelita de sôbrepátria—os outros, pelos seus anos e pelo escasso rescaldo de ímpeto vital perceptível nos seus gestos, não pareciam possuir essa capacidade de possibilidades sensuais que legitima os homens de rapina. Tudo nêles era já pretérito. Veias salientes, caras flácidas, pálpebras ansiosas de se fecharem em longo sono sôbre pupilas mates, rugas, calvas, brancas... Quatro séculos,



— Assim, não se poderá vêr nada da rua.

Deante dos bancos sempre há mirones.

— Não há dúvida. V. Ex.^a prevê tudo.



pelo menos, de pequenas acções, de experiência mesquinha e de fadigas somavam aqueles cinco velhos. E talvez o estrangeiro j6vem, ao consultar os seus pap6is cheios de algarismos, pensasse na injustiça de que o metal m6gico, a cujo toque os terrenos baldios se transformam em jardins, as intransig6ncias se abrandam, o absoluto se listra de relativilidades ir6nicas, e a carne m69ca se av6m a n6o dar t6das as suas fragr6ncias a outra carne igualmente desej6vel, estivesse em m6os daqueles que, de costas voltadas 6 vida, apenas podiam esperar um ent6rro suntuoso e um pouco de publicidade funer6ria.

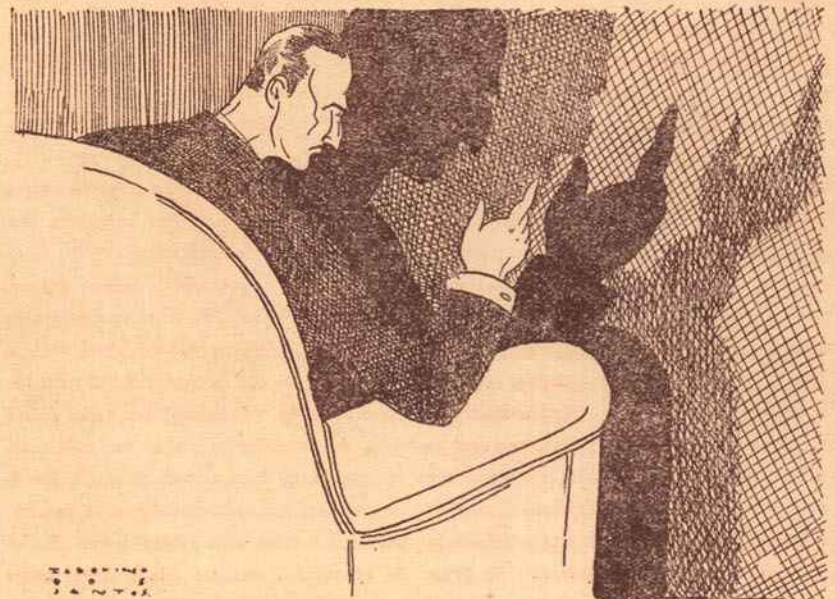
O presidente-arteriosclerose e intumescimento, disse :

— J6 que V. Ex.^{aa} se empenharam em imp6r-me mais esta obrigaç6o, serei breve para que aqui, Monsieur Lejeune, especifique as bases em que deve apoiar-se a operaç6o. Todos sabemos que se trata de provocar um pouco a baixa, de vender acç6es nossas, readquirindo-as depois por baixo da m6o, assim como as dos restantes detentores, especialmente as dos pequenos. Uma vez desvalorizadas, proceder-se h6 ao reajuste, 6 troca de obrigaç6es, ao aumento de capital e 6 verdadeira exploraç6o das quedas de 6gua. Claro est6 que a perda inicial qu6si ficar6 compensada com a pr6pria reacç6o da B6lsa. Mas o futuro da empresa reside no que acabo de exp6r. Aqui, Monsieur...

— Um momento.

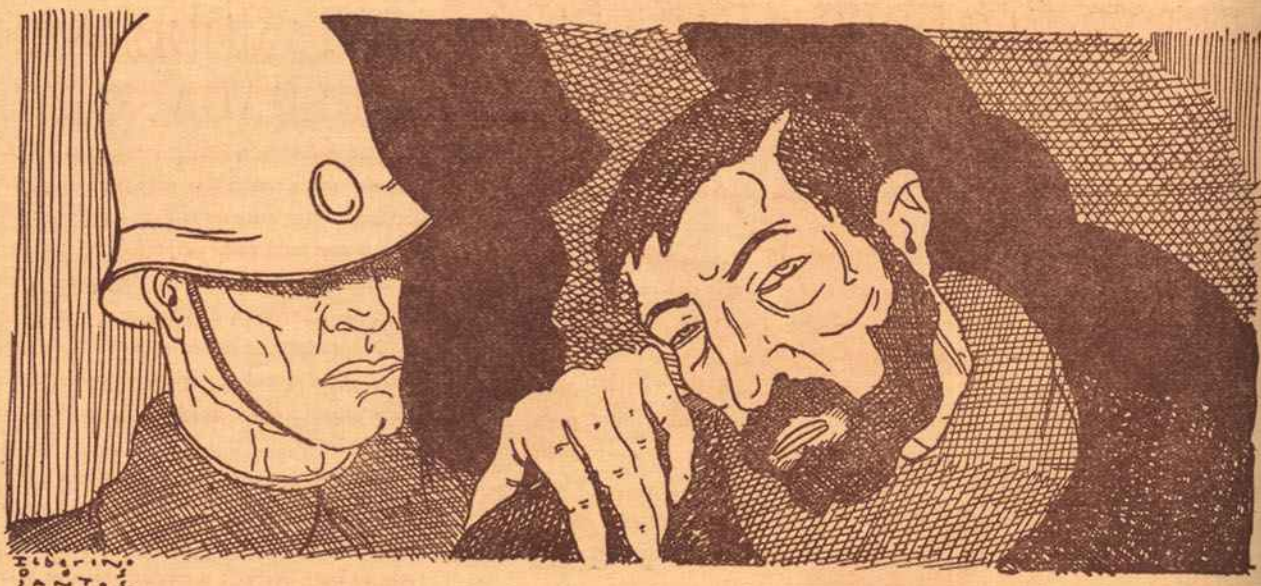
A voz ligeiramente fanhosa imp6s-se, e, met6dicamente, com l6gica frialdade, o pro-

jecto começ6u a estender ante aqueles cinco velhos as suas v6rtebras de 6spide. N6o era preciso grande imaginaç6o para se compreender, que, 6 sua passagem, como sempre sucede e suceder6, a pobreza que quis ser prudente ou aventureira, se transformaria em mis6ria e desesper6. O mais estrito c6culo de probabilidades regia t6das as previs6es e cifras; pormenores, compulsac6es, encadeavam-se na exposiç6o do estrangeiro. A voz do escr6pulo poderia, sem d6vida — e sem requerer a lança do *D. Quixote*, exclusivamente armada de elementar justiça — arg6ir, condenar; mas o tom monorr6tmico embotava com sonol6ncia entendimentos e entranhas.



A-pesar de ser um estrangeiro quem falava, que maravilha de eufemismos para imaginar o nome vil do delito — arruinar os infelizes que, 6 custa de sacrific6os, tinham adquirido uma acç6o ou duas! O acento e a fina escolha das palavras tendiam a transformar o discurso numa trampolina para armar o salto 6s imaginaç6es estreitas. Houve largos per6dos em que certa ru6na adiposa ou tal b6ca e intestino sobreviventes, se escaparam dos oiros que adornavam o sal6o para evocar netos dilapidadores ou gabinetes qu6si s6rdidos, entre cujas paredes, raparigas primaveris suportavam, a tr69o de p6o, h6midos fantasmas de beijos.

O cavalo de xadr6s hist6rico pensava : « 6 bom vigiar 6stes melros para que n6o levem a melhor lasca ». E o das veias salientes : « Se pudesse prevenir a mulher do meu secret6rio para que n6o vendesse... Mas, n6o; sejamos prudentes e deixemo-nos de sentimentalismos... ». E o director do Banco n6o podia dissimular o sorriso que lhe assomava aos l6bios quando recordava que o porteiro, como outrora o pai, com o *Cr6dito Agr6cola e Naval*, possu6ia quatro acç6es da empresa, cuja transformaç6o se estudava naquele momento... A voz fanhosa prosseguia, prosseguia... No seu estudo estava tudo previsto, inclusiv6 as garantias de indole moral, que as cinco entidades ou f6rças coligadas para a efectivaç6o da operaç6o, haviam de trocar entre si. Nada se deixava ao acaso : o mapa da situaç6o das acç6es era qu6si completo. E os riach6os de oiro que, das colunas da Im-



prensa, deviam higienizar os mares de lodo em vésperas de serem removidos, estavam canalizados de antemão. Hora a hora, dia a dia, o plano de boatos de vendas, de ofertas não aceites, de pânico, de novas compras, estava traçado com estratégia infalível. Claro está que haveria lágrimas, que um idiota ou outro confiaria ao cauo duma pistola apoiada à própria fonte o consólo da sua perda em vez de se lançar outra vez ao trabalho e economizar. Mas... Seria possível fazer um pastelão sem partir ovos? Não. A imagem, doméstica e ao mesmo tempo terrível, tranquilizou e consolou todos os presentes. O estrangeiro explicava-se às mil maravilhas. Houve um movimento unânime de calvas e brancas.

O assunto estava, pois, resolvido em princípio. Para os detalhes da execução, o estrangeiro e o cavalo de xadrês bilioso entender-se-iam com o director do Banco. Um deles partiria no dia seguinte para Paris, a fim de controlar lá certos núcleos de acções. No grande relógio da Sala de Conselhos — relógio cujo tempo não era apenas ouro; era dor também — soaram várias horas; e uma pressa repentina propagou efémera actividade juvenil por entre as poltronas. Dir-se-ia que a possibilidade de gozarem devéras aquele excesso de riqueza já a caminho, os reanimara. Um mês, talvez dois, para que os modistos e ourives recebessem encomendas, e os quarenta cavalos de algum novo automóvel fôsem por essas ruas e estradas a trote lento para não agravarem a taquicardia do dono.

— Oito, já? Que tarde! — disse o presidente, levantando-se.

— E eu que tinha de ir à farmácia comprar um específico! — suspirou outro.

— Também eu...

— Levamo-los lá.

— Obrigado, também trouxemos o carro... Mas conversaremos mais um bocado, se querem.

As banalidades e os sorrisos seriam o suficiente para despistar o melhor observador. Supôr ali uma fonte de pranto seria como supôr num vergel fragosidades de serra e ameaças de trabucos. Em nenhuma daquelas caras se lobrigava o menor rictus dramático. Máscaras desgastadas, incapazes de exprimir ambição ou remorso, mostravam tôdas, excepto a do estrangeiro de feições de crime e a do dispéptico de mobilidade de suspeita, um júbilo beatífico. Saíram e, de novo ao passar pela libré curvada com medroso respeito, o director do Banco sorriu.

A rua, às primeiras horas da noite, estava repleta de multidão. A luz anatómica dos arcos voltaicos deixava a nú, diante das montas, desejos e intenções. Muito alegres, comentando, felizes, a estreiteza, subiram os cinco ao maior dos automóveis, dando ordens aos outros para que os seguissem. O trote habitual teve de converter-se em passo difícil para não atropelar os que, contra toda a razão, passaram dum passeio para o outro. O cavalo de xadrês amarelo bateu o pé com impaciência: «Ora, esta gatinha que não há de aprender a andar... Ainda devia haver

mais acidentes... Ah, se eu fôsse *chauffeur!*...» Falaram, frivolumente, das actrizes da moda, da carestia dos bom-bons, da inutilidade da nova geração... O passo difícil teve-se rápido e um rumor de multidão fê-los inquietar. Que era? Está visto; não era possível andar um automóvel pela cidade! Alguma coisa sucedia de anormal... Efectivamente, à direita, naquele grupo de gente destacavam-se dois polícias... O cavalo de xadrês tornou a dar sôbre o capacho do *Rolls* patadinhas inquietas. Era repugnante... Não ia chegar a tempo de comprar os seus salicilatos... Que miséria aquilo? Um garoto, que meteu quási pela janela do carro a sua cabeça de gaiato, disse-lhes: «Foi um homem que roubou umas latas de sardinha naquela loja, e agora levam-no prêso».

«É bem feito! Pensava que estávamos na Rússia? Era só o que faltava!» Pouco depois o automóvel pôde seguir caminho. Mas já a farmácia estava fechada.

(Exclusivo da Ilustração.)



MUSEUS DE MADRID

ALGUNS QUADROS DO MUSEU DE ARTE MODERNA

JOAQUIM SOROLLA — INÁCIO ZULOAGA

Uma nova arribada às salas deste Museu. No nosso artigo anterior deixamos os pintores mais representativos do século passado. Porque falamos em Goya, temos de abrir uma excepção a favor do glorioso mestre dos *Caprichos*, cuja arte excelsa, dominando todos os tempos, não admite, sob o ponto de vista estético, classificação de época.

Começemos a nossa jornada de hoje por Sorolla, que inicia na História da Moderna Pintura Espanhola uma nova era de intensa inquietação, abrindo aos problemas pictóricos actuais horizontes amplos e sugestivos.

Em Valência, no ano de 1863, nasce Joaquim Sorolla. Falece em 1923 na sua casa de Madrid, convertida, à sua morte, num valioso museu de arte, que seu filho guarda zelosa e estremecidamente.

O espírito luminoso e claro da terra que o viu nascer reflecte-se poderosamente na sua paleta rica de colorido e vibrante de expressão vital. Aquela exuberância cromática da terra valenciana que se dilui em gamas de infinita doçura ao pressentir o mar, introduz-

-se, passando pela variada escala da sua finatização na alma do pintor. A luz, luz enérgica, luz dinâmica, luz criadora, não encontra dificuldades de resolução no génio de Sorolla, que a interpreta com bárbara sinceridade, arrancando-a às mãos cheias dos olhos deslumbrados. A vida grita nas suas telas sem clamor literário ou retórica de virtuoso. Tudo com uma sãdã força pagã, o peito voltado ao mar, o peito aberto à terra, o peito escancarado ao sol. Nem um só gesto que não seja para pintar. E as suas figuras ganham relêvo e corporeidade pelo jôgo dionisiaco do claro escuro.

Em Ribera, no trágico Ribera, onde um dramatismo violento chega, por contrastes de luz, a causar arrepios, podemos acaso encontrar afinidade temperamental com o grande pintor valenciano, descontento, naturalmente, o espírito das épocas que os separam. Foi a de Ribera época de superstições sombrias e repugnantes torturas. Ele fala-nos dela eloquentemente, com a bravura dum selvagem heróico e indomável, flagelando os seus tor-

mentos, vergando-os, retorcendo-os músculo a músculo, num suplicio sem fim. Nos tempos de Sorolla, já as sombras fogem espavoridas, e os homens, como o artista, de cara ao sol, sem mistérios, nem bruxas, nem martírios, a alma arejada e o corpo limpo, louvam a Deus nas alturas.

Na melhor obra de mestre Sorolla, cor e forma, que ele tratou prodigiosamente, são sacrificadas a um intento obsecante: ao de encontrar, em toda a sua plenitude, a força expressiva da natureza. O magnífico exemplo do seu quadro do Museu de Arte Moderna, *Crianças na Praia*, que lhe valeu a Medalha de Honra, o maior galardão que pode conquistar em vida um artista espanhol, não deixa lugar a dúvidas.

Inácio Zuloaga, dos pintores espanhóis ainda vivos, é o mais universalmente conhecido. Em Espanha, no entanto... Oigamos o que sobre isto escreveu em 1916 Juan de la



JOAQUIM SOROLLA — Crianças na praia

ILUSTRAÇÃO

Encina, o ilustre crítico de arte: *«A história de Inácio Zuloaga o pintor tem um acento levemente amargo para Espanha. Eis aqui o mais vigoroso continuador moderno da nossa arte castiça, o pintor que, em momentos de decadência e grande fadiga nacional, surge de repente como uma reencarnação da velha energia ibérica; e eis aqui também o pintor espanhol moderno que mais desconhecemos, que menos amamos e acaso que menos compreendemos. Se Velazquez, Goya, Ribera, Ber ruguete, aparecessem, de súbito, entre nós, receberiam provavelmente o mesmo tratamento: seriam, como Zuloaga, pintores para o estrangeiro... Foram-no, afinal de contas... porque, donde nos vem a sua actual valorização? Nesta sêca terra de juristas e «escabecheros» do passado morto, não temos sensibilidade para o profundo e vital da casta, para essa íntima força nacional que vai criando e renovando dia a dia, hora a hora, a tradição. E se reparamos tranquilamente Zuloaga, equiparamo-lo quasi a um pintor de «panderetas» para os mercados de além-Pirineus, ou a um indivíduo de poucos escrúpulos que põe em ridículo a sua pátria em terras estranhas. E, no entanto, em nenhum artista espanhol moderno há tanta substância ibérica.»*

Em 1926, passados dez anos, ainda o panorama era o mesmo, conquanto fôssem outras as causas a que, então, atribuíamos o amúio da Espanha perante o seu pintor. Nessa data, escrevíamos nós: *«Madrid é hoje o centro artístico mais difícil de conquistar. Paris pode, por uma questão de preconceito ou tradição, marcar mais na vida dum artista; mas não é tão difícil de seduzir. Artista que vença em Madrid, está habilitado para se apresentar em tôda a parte com as mais sólidas garantias de êxito. As últimas exposições do pintor Zuloaga e do escultor Mateo Hernandez são uma prova frisantíssima do que afirmamos. Espanhóis de nascimento, firmam-se em Paris. Vieram aqui precedidos duma fama clamorosa, depois de terem formado escola e inventado discípulos por êsses mundos de Cristo, e, se o silêncio com que foram recebidos foi respeitador para os seus altos méritos artísticos, não deixou de demonstrar uma evidente indiferença, que é significativa. Para a Espanha, sempre zelosa e clumenta dos seus valores nacionais, não se ganha essa condição de nacionalidade pelo mero motivo de se ter nascido do seu ventre.*

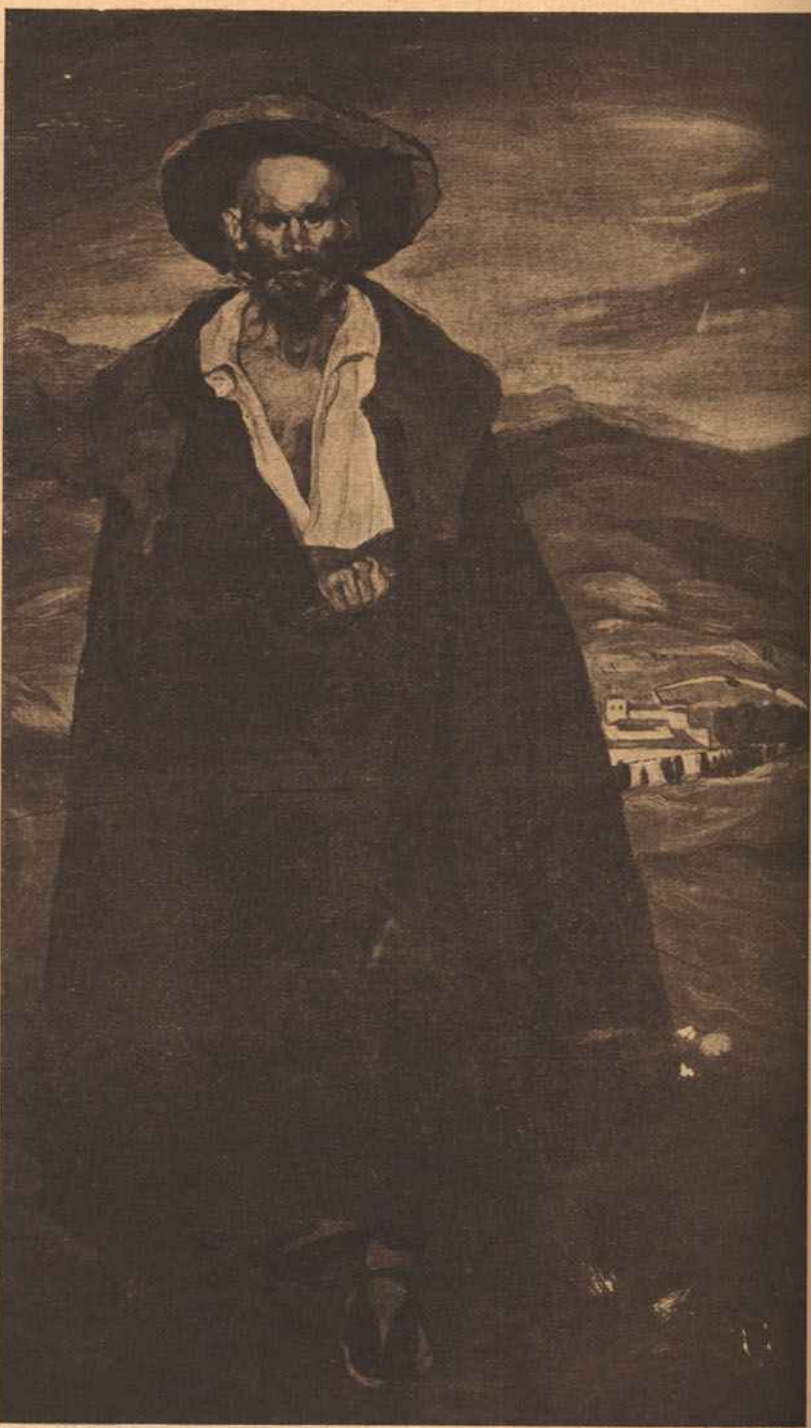
Não. Exige que se beba o sol cálido da sua Castela, que se curta o corpo no vento das suas longas planícies, que se fortifiquem as pernas na escalada dos seus alcantilados, que se tonifique a alma na briza dos seus mares. Orgulhosa como é, não lhes quíz receber os louros consagrados pelo estranhos.»

E, pese à agudeza crítica de Juan de La Encina, a quem aqui rendemos preito da nossa admiração e estima intelectual, ainda

hoje nos parecem mais aceitáveis as razões que nós expusemos. Como se explicaria então o triunfo rotundo de Solana, cuja obra é, sem dúvida, tão castiça e mais incompreensível que a de Zuloaga?

Do grande pintor basco existe neste Museu «O Segoviano», que é uma das obras mais características da sua Arte.

NOVAIS TEIXEIRA.



INÁCIO ZULOAGA — O Segoviano

GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE TRABALHO

PADRÕES DE NOBREZA

SÍNTESE DE PONTE DA BARCA

Estamos em Ponte da Barca, a que foi chamada Terra da Nóbrega, berço de Diogo Bernardes, «o grande poeta, o maior bucólico da literatura portuguesa».

Desde a entrada da vila que se avistam edifícios, monumentos, por onde os séculos passaram com os seus regimentos de horas. Primeiro, a *Igreja Matriz*, mandada reedificar em 1721, com um formoso medalhão na portaria, único atestado do templo primitivo.



PONTE DA BARCA — Velha casa de Maria Lopes da Costa, fundadora da vila

Segue-se a capela do Santíssimo, com preciosos azulejos policromos (azul e amarelo do século XVIII) que a revestem de alto a baixo.

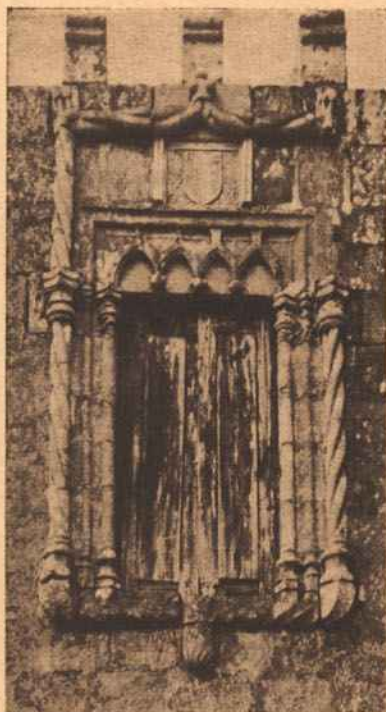
Ponte de Barca lembra um valioso e incomparável livro de história. Esta vila parece uma avó, uma velhinha, que, por vir de muito longe, tem muito que contar. A dar crédito a considerados historiadores, tem que acreditar-se que até meados do século XIV não havia aqui habitação alguma. Afirmam, porém, outros investigadores que, desde tempos muito anteriores, transitavam por aqui

muitos viandantes. Sustenta-se até — o que é, geralmente, admitido — que, em 1350, se veio estabelecer cá uma família, construindo uma miserável casa de venda. Em poucos anos, pela crescente afluência de passageiros, a venda aumentou, desenvolveu-se. E, no fim daquele século, outras famílias e outras casas tinham sido já construídas.

Há muito quem aponte Ponte da Barca como «a terra dos Costas». Será lenda? Vamos apresentar, em síntese, o traço histórico que justifica aquela afirmação. Entre as famílias que pelos anos 1350 habitavam aqui, contava-se a de Maria Lopes da Costa e seu marido Gonçalo Afonso de Aboim, um e outro de alta estirpe. Diz-se que é a esta senhora que pertence, legitimamente, o galardão de fundadora da nobre vila de Ponte da Barca. Foi quem a povoou, pois dela descendem todos os nobres senhores da vila. Viveu a longa idade de cento e dez anos; por duas vezes foi casada, destes dois matrimónios teve cento e vinte filhos, netos e bisnetos, dos quais oitenta viveram aqui com a invulgar, fecundíssima progenitora!

Como esta notável mulher se havia de sorrir das mulheres de hoje que pintam os lábios e se esquecem do culto da maternidade!...

D. Manuel, quando passou pela Barca a caminho de S. Tiago de Compostela, demorou-se algumas horas na casa de Maria Lo-



PAÇO DE GRELA — Uma janela manuelina

pes, a única que nessa época existia no sobrado. Já não vivia a boa velhinha. Sua filha Isabel Gonçalves foi quem teve a honra de receber o soberano. Proporcionando-lhe todas as honras, fêz reunir na frente do real visitante, como testemunho de maior respeito, a numerosa prole de sua mãe. D. Manuel recebeu a maior surpresa da sua vida. E, reconhecendo não poder rivalizar em generosidade com quem lhe dera tão vasto número de vassallos, limitou-se em fazer mercês a todos os membros desta família patriarcal, conforme sexos e idades, concedendo também à terra foral, quando fêz a grande e conhecida revisão de forais.



PONTE DA BARCA — Capela da Lapa, dos Soutos-dei-Rei

A relíquia, o poema humilde, o poema de pedra, que foi a casa em que viveu Maria Lopes da Costa existe ainda, e, na sua frente, os nossos olhos rezam uma calada homenagem à mulher que levou o dever de ser mãe à expressão mais numerosa, mais justificada.

Outras relíquias esperam, porém, pela nossa romagem de admiração. A capela da Lapa, dos Soutos-del-Rei, que nos atrai, na sua fachada, para o escudo de Magalhães e Meneses. Neste velho edifício fica-se, por largo tempo, encantado, diante da rica e linda porta manuelina e janelas de reixas em artístico, floreado ferro batido. Outra notável relíquia barquense está na velha arcaria coberta, frente à ponte e a cavaleiro desta, na margem do rio. Alguns investigadores opinam que seria já o mercado ou o primitivo local das reuniões camarárias. Contudo, nada se conhece de concreto. No terceiro, fica o velho e lindo pelourinho, elegante, simples, testemunho duma data que caiu nas catacumbas longínquas do tempo.

E, deixa-se Ponte da Barca com o mesmo



ARCOS DE VAL-DE-VEZ — Paço de Gela

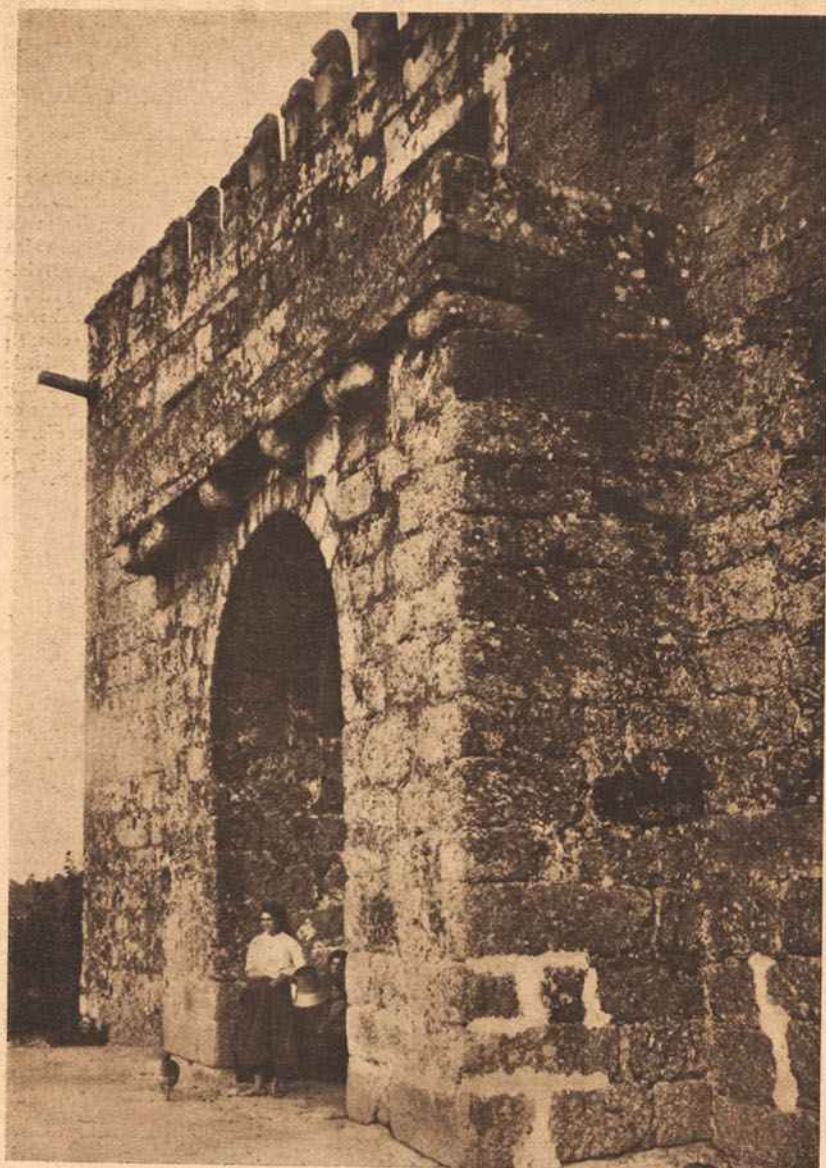
pesar com que se fecha um velho e precioso livro que, nem por muito tempo que se lhe dedique, se lhe pode encontrar o fim. Cada aldeia, vila ou cidade dêste Alto Minho, é um valioso tomo do grande volume que forma a história de Portugal. Quando se acaba de lêr, de admirar um, há logo outro à nossa espera, com aspectos e dizeres diferentes, mas todos iguais no alto mérito das nossas grandezas históricas.

ARCOS DE VAL-DE-VEZ

A vila dos Arcos, que vem de muito longe, tem um nome que vem de mais longe ainda. Tem origem romana. Foi buscá-lo a *Arcobica*, que é o mesmo que *Arcobiga*, fundada pelos galos-celtas, 350 anos antes de Cristo.

É aceitável, e até positiva a doação das terras de Val-de-Vez a D. Tareja, por seu pai Afonso VI de Leão — e existe tradição das doações feitas por este senhor, de territórios e mosteiros à Sé de Tui.

Foi aqui, nesta vila triste e poética, que se travaram batalhas cuja recordação os séculos não conseguiram subverter. Em lugar de honra, encontra-se a célebre *Veiga da Mantança*, onde, segundo corre, se deu o formidável recontro entre cavaleiros leoneses e os companheiros de Afonso Henriques. Diz Alexandre Herculano: «Entre os dous exercitos a veiga do Vez oferecia-se como uma vasta estacada, onde os barões e cavaleiros de Leão e Portugal podiam encontrar-se corpo a corpo, sem a desordem e a confusão de uma batalha, e experimentarem qual das duas províncias da Espanha gerava braços mais robustos, ânimos mais feros. Foi um largo torneio, em que a vitória coube aos valentes homens de guerra do infante. Fernando Furtado, irmão do imperador, Vermudo Peres, cunhado de Afonso Henriques, o Conde Ponce de Cabrera e muitos outros dos notáveis fidalgos da côrte do imperador, derribados pelas lanças dos portugueses, ficaram prisioneiros, segundo as leis da cavalaria. A memó-



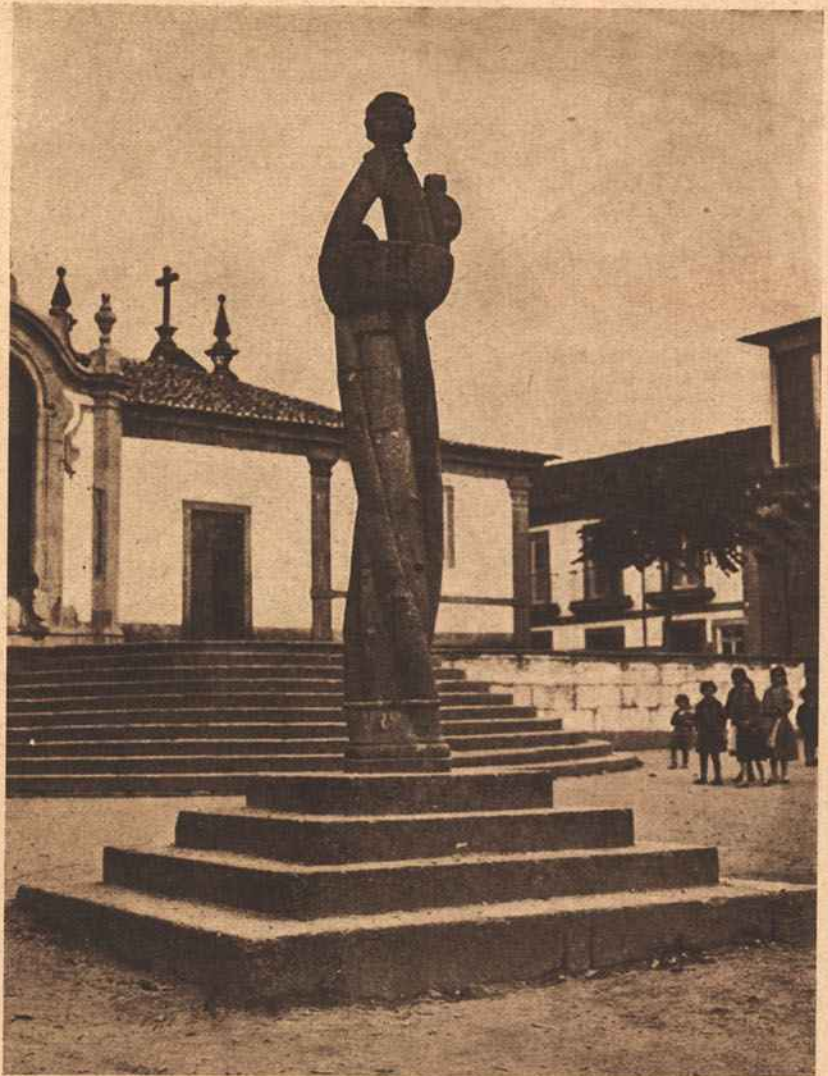
À ESQUERDA: — PAÇO DE GELA. — Entrada principal

ria do facto perpetuou-se aí no nome de *Jôgo do Bufurdão*, que se poz ao lugar do torneio, o qual, depois, a tradição popular, engrandecendo o successo, segundo é costume, denominou Veiga da Matança, bem que a história não nos diga que morresse no combate um só dos nossos contendores.»

Colocamos a seguir a esta página histórica algumas páginas architectónicas. A igreja matriz, que se afirma haver sido fundada pelo abade de Sabadim, em 1372. A igreja do Espírito Santo, com dois púlpitos de riquíssimo rocóco. A Capela da Conceição, notável, primeiro que tudo, por ser um dos muitos monumentos românicos da Ribeira Lima. E, entre outros monumentos, o célebre Pelourinho, considerado um dos mais formosos da região, um dos mais lindos de Portugal. Está actualmente em frente à Câmara Municipal. Foi doirado em tempos. Feito em estilo manuelino, representa uma coluna torcida, encimada por uma graciosa esfera armilar. Tem foros de notável o simbolismo d'êste monumento. A sua linha airosa, elegante, prende, num demorado momento de evocação, as pessoas que o admiram.

A poucos minutos dos Arcos, topamos *Paço de Gela*, um dos mais velhos e curiosos solares do Alto Minho. Cinco minutos de acção alpinista, num morro íngreme, sobranceiro ao vale. Os olhos vão até muito longe, voando sobre tapetes de verdura. Temos na nossa frente o famoso *Paço de Gela*, de que diz o Conde de Aurora no seu *Roteiro da Ribeira Lima*, o seguinte: «A torre, certamente anterior ao século XIV, e manuelino o edificio que está encostado, ou pouco anterior, e depois enxertadas as janelas mais rendilhadas. A torre, possivelmente, foi trazida de Morilhões, pelo abade de Sabadim. Diz o conde D. Pedro que foi de um Nuno Gela. Um ou outro vem de Afonso VI e do nosso Conde D. Henrique. Passou à corôa. D. João I deu-a a Fernão Anes de Lima, em 1399, com metade dos terrenos dos Arcos, por aquele fidalgo se passar da Galiza a quando da conquista de Tui.»

Oferece um largo interêsse o corpo ma-



ARCOS DE VAL-DE-VÊZ — Pelourinho manuelino, vendo-se, no fundo, a Matriz



Matriz de Ponte da Barca (Vista lateral)

nelino do solar, que dá a frente aos Arcos, e possui diversas janelas, simples, mas de rara beleza, ostentando numa delas as armas dos Limas. Em volta d'êste interessante edificio existe uma engraçada tradição, que não resistimos à tentação de contar aqui. Rola através dos séculos a lenda de que em torno do Paço está, escondido nas entranhas da terra, um sino de ouro. Algumas pobres mulheres, de rosto franjado de rugas e cabelo nevado, perguntaram-nos se, nós, levávamos o aparelho para descobrir o sino de ouro... Pobres mulheres com os corações entumecidos de bondade e de santas ilusões!...

Como falámos de lendas — e que extenso filme se não faria se, um dia, se juntassem tôdas as lendas que andam esquecidas em terras portuguesas! — vamos falar de uma que impressiona, pelo drama patético de que vive. Chegamos a Sistelo, hoje pequena aldeia escondida entre montanhas, mas outrora vigararia anexa de S. Sebastião de Cabreiro. Iniciamos a roda de veneração junto das velhas casas de aldeia. Paramos junto duma porta em cuja soleira está anichado o corpo duma velhinha. A nossa saudação, le-



PONTE DA BARCA — Dois medalhões históricos

vanta os olhos da terra e deixa-os tombar, sem surpresa, sobre nós. Lendas? Tradições? Nada existe... Passado um momento, levanta-se, muito dificilmente, e pergunta-nos se já conhecemos aquela lenda — ela diz, costume — dos filhos conduzirem os pais, nos últimos anos de vida, quando estão trôpegas as pernas e o coração bate mais lentamente, para o suicídio antecipado do ribeiro. Nada conhecemos. Foi há muitos anos!... A boa velha começa, então, a tirar da sua apagada memória os aspectos desse costume trágico, onde o amor filial sucumbiu sob as garras da barbaria.

Há muitos séculos, talvez que nos primeiros passos da civilização ocidental, quando os filhos reconheciam que os pais nada eram aproveitáveis, levavam-nos até ao rio Cabreiro — um rio que ouvimos cantar estranha toada, lá baixo — e aí os afogavam. Conduziam-nos de madrugada ou encobertos com o capuz da noite. E chegados lá, o filho, convencido de cumprir um dever sagrado ou um decreto da tribo, lançava, sem remorso, sem hesitações, o progenitor para as gargantas misteriosas e devoradoras do rio.

E o bárbaro costume durou até certo dia... Uma manhã distante, uma manhã que morreu há séculos, caminhava para o suicídio obrigatório um velho, trôpego, doente, para quem a morte olhava já com atenção... Ao lado, o filho, seguia calado, olhando a claridade matutina que começava a rasgar os últimos retalhos da noite. Distantes de casa, com instintiva desconfiança do fim daquela viagem, quando estavam já próximos do rio — o velho perguntou:

— É longa ainda a jornada, meu filho?

— Estamos próximos — respondeu com voz desajeitada o futuro parricida.

Um sorriso de profunda amargura alastrou, então, pela cara enrugada do velho. De-

Estas palavras acordaram o coração esquecido do filho. Não praticou o crime. E refere a lenda que, desde esse dia, cessou o costume bárbaro.

Saímos de Sistelo com a impressão de deixar velhas catacumbas, cheias de sombras e mistério. Voltamos para os Arcos. É noite, já, e temos a ilusão que na tinta negra que está a asfixiar esta vila andam diluídas outras lendas mais aterradoras. Sentamo-nos por momentos num café, absorvido de silêncio, a cujas portas pararam, e não há muito, diligências guizalhantes. Vem-nos abraçar um amigo que traz a sua sensibilidade de civilizado esquecida nesta velha vila. Falamos, por instantes, do valor histórico e architecto-



PONTE DA BARCA — Pelourinho e arcaria antiga

pois, num queixume antecipado, murmurou:

— Bem sei, meu filho. Vais levar-me onde eu levei teu avô e onde teu filho te há de trazer um dia.

nico de Arcos de Val-de-Vez. E esse amigo informa-nos... Nem tudo é dum ontem arrecuado... Por aqui passou, e com muita assiduidade, Guerra Junqueiro, quando era peregrino de antiguidades. Certas ocasiões, num dia de feira, comprou aqui a uma mulherzinha, por uma libra, um riquíssimo prato. A boa mulher, ao ver aquele precioso retalho de sol nas mãos, quis dar toda a louça da loja ao grande poeta. Alguém dentre nós, comenta:

— Foi, decerto a única vez em que o autor do *D. João* comprou uma antiguidade, demasiadamente caro...

Horas depois, saímos dos Arcos. O *auto* que nos conduz acorda as ruas empedradas, e nós temos, contudo, a impressão de que os Arcos dormem o seu sono profundo — um sono afogado em páginas da História de Portugal!

GUEDES DE AMORIM.
SOUSA MARTINS.



PONTE DA BARCA — Uma casa do século XVII

A reportagem literária e fotográfica para a secção «GRANDEZAS DE PORTUGAL» é feita em automóvel CHRYSLER de que é representante em nosso país a firma A. BEAUVALET 1180A — Rua 1.ª — Dezembro, 137 PORTO — Rua de Santa Catarina, 73

A POLICROMIA DA MINHOTA

*Sou do Minho, sou Minhota,
Sou filha de ãa Minhoteira*

A mulher de traje mais pitoresco em terras portuguesas é a minhota. É-o hoje e, visto que a indumentária de hoje constitui resíduo comum dos séculos, deve-o ter sido também desde tempos inmemoriais. Assim se deduz da comparação com os outros trajes sobreviventes ou recentemente abandonados, tendo atingido todos a mesma época de nivelamento, depois de sofrerem mais ou menos profundas influências.

No estado actual, o que de todos os trajes se decide é o superior policromismo do que veste as mulheres do Minho. Não que de facto



haja um traje do Minho, como acentuou Cláudio Basto na *Alma Nova* (revista de Lisboa, vol. II, pág. 24). O traje «à lavradeiras», «à moda do Minho» ou «à moda de Viana», que assim anda na linguagem vulgar, tão modificado em combinação dos elementos que o compõem como em designativa regional, limita-se ao conchelo de Viana do Castelo. É este com suas variantes o tipo mais decorativo dos trajes policrómicos do Minho, e por isso o único conhecido fóra da sua zona etnográficamente definida, absorvendo assim os outros tipos.

O que reúne porém os tipos, que possível e provavelmente haverão de ter saído de um modelo inicial, é a policromia. Podemos talvez observar a extensão policrómica do traje até à gandareira, nas terras de Leiria, ao longo da costa, pelas terras baixas. Do interior para o litoral, da costa para a planície, torna-se mais leve, mais claro o traje, produto dos agentes externos (geográficos e históricos), e dos agentes internos (espirituais). Outros dados nos levam a colocar os saloios e os algarvios em manchas de intensidade crómica, mas não de irisada policromia, cuja exclusão reside maior ou menor através do Minho.

Como não há nada fixo e definitivo na vida íntima dos povos, e tanto menos quanto mais próximo do litoral estiverem, o traje sofreu as suas acções de fora. Em que sentido se produziram essas modificações procedentes? Teriam obedecido ao jogo recíproco das «energias evolutivas externas» (na vida histórica do povo caracterizadas sobretudo pelo tráfico) e das «energias evolutivas internas» (na base étnica, fundamental, dinamizada pela acção espiritual e seu desenvolvimento) de que fala o professor Michael Haberlandt na sua *Etnografia* (Colección Labor, n.º 23-24).

Repare-se em a situação geográfica do Minho, e recorde-se o intenso tráfico marítimo

pela foz do Lima (Viana), do Ave (Vila do Conde) e do Douro (Pôrto-Gaia), nos começos da Monarquia. Talvez estes factos expliquem origem, estímulo, modificação evolutiva nas indústrias locais. É evidente que destes três centros de irradiação, não tiveram todos o mesmo poder receptivo nem a influência foi uniforme. É a concentração policrómica de Viana proviria por um lado das condições geográficas locais com suas determinantes físicas, pelo acto dos estímulos de ligações comerciais e actividade traficante.

As rendas ao longo da costa (no Minho, em Viana e Vila do Conde), as filigranas próximo da costa (em dois centros: um ao Norte no Alto Minho, outro ao Sul na região portuense), poderão considerar-se artes filhas do mar, tanto na sua formação como transformação. Pelo que nos importa agora, notemos que são dois elementos decorativos de primeira ordem: as rendas no bragal de roupas de casa e de roupas de corpo, a ourivesaria das filigranas no adorno pessoal. Acrescentemos a estes, de uso principalmente decorativo dos possuidores, outras duas artes, ornamentais na sua intenção: — a olaria colorida, que tem o foco principal no Prado e teve expressão de arte no Pôrto e em Durque-Viana, com a abundância de Barcelos; — e as mantas de listas e desenhos tradicionais, por vezes belos mosaicos de trapos, do Alto Minho, para decoração da casa.

O linho de flôr azul no jardim minhoto, depois de ripado, afogado, côrado, fêlto nos agudes, vai à espadeira de tão lírica labuta, é asseado, carpeado. Deixou a estopa sua irmã gata borralheira (a brea e a troça, conforme a qualidade), e vai a fiar em maçarocas, ensarilhar em meadas. Aí o vemos, depois de tanto trabalho, a empear a teia, a tecer no tear caseiro, a escaldar, côrar e pôr em obra. Pano para a arca ou para a feira, economia salvadora pela doença ou pelo noivado da cachopa, êle aí está para o que der e vier.

Ora o linho branco ou a estopa bem côrada são o guache de colorista no traje pictórico da mulher do Minho. O que a cal inebriante realça e vibra na casa alentejana, fê-lo essa brancura do linho e da estopa no traje ou melhor nas mãos da mulher minhota. O linho vai tecer as teias de aranha dos piques sobre as almofadas da renda de bilros; o linho e a estopa servem a economia doméstica e a arte etnográfica, sob o arco-iris dos vestidos femininos e sob a jaqueta e colete do terno dos homens; então a camisa de mangas e de folhos até ao pescoço, bordadas de branco ou azul, nos homens como



nas mulheres, ou simples e corridas, alvissimas, formam o fundo estético da policromia sobrejacente.

Em Barcelos (Gomes Pereira, *Tradições Populares de Barcelos*, pág. 96, n.º 317), em Viana (tenente Afonso do Paço, *Cancioneiro de Viana do Castelo*, pág. 122, n.º 656), pelo menos, corre a quadra popular elucidativa:

*A moça, que é lecedeira,
Usa de muitas ideias:
Mele estopa e lomentos,
Para lhe vender as teias.*

E dos instrumentos caseiros passou à poesia regional a visão metafórica do trabalho, na quadra de Viana (id. pág. 44, n.º 238):

*Chamaste ao meu cabelo
Sarilho de ensarilhar;
Eu também chamo ao teu
Dobadoira de dobar.*

Temos pois completa a série de elementos in-



ternos e externos, que contribuem para o conjunto policrômico, como o demonstra a quadra:

*Não quero saia de chita,
Que me hão de chamar senhora;
Quero saia de estamena,
Que é traje de lavradora.*

Também o folclore minhoto é prova de cor, e note-se que ele reproduz em sua policromia e movimento o sentimento da cor. A agitação das danças, vivas de ritmo, é própria de dançarinas de cores vibrantes, visão irisada, concordante com os demais factores do mesmo espírito agreste. Observe-se o comentário nesta quadra de S. Simão de Novais, do *Cançãoeiro* de Fernando Pires de Lima (n.º 925):

*Ó meu amor, dê-me, dê-me
O vermelhinho da tenda;
Eu quero luzir ao longe,
Já que não tenho fazenda.*

Nas quadras populares surgem constantemente referências à decoração indumentária: — «vivo vermelho na saia» (Barcelos); — «não me atires com pedrinhas — ao vivo da minha saia» (S. Simão de Novais), etc.

Com as lantejoulas brilha o ouro às catadupas, e oiro nos grilhões ao pescoço, múltiplos e pesados, com o coração enorme de filigrana a meio do peito, a patentear voto íntimo da sua alma ardente

*Abre-te, peito, e fala:
Coração, salta cá fora;*

com imagens da Virgem, que denotam a sua espiritualidade, como as cruzes,

*Ó minha costureirinha,
Que é da cruz do teu coração?*

É ouro nas arrecadas de feitos tradicionais, alguns já conhecidos do homem pré-histórico, do chão de Afife e do Castro de Laundos na Póvoa de Varzim.

O espírito de ostentação revela-se neste mostruário auriflamante, ponto de concordância com a estética até agora comprovada. E mais informa o carácter económico da minhota, para quem o ouro artefacto é capital acumulado em farto ou mingado, mas em anseio sempre crescente, pé de meia. Ora toda a mulher do Minho, que reúne o seu pecúlio, é uma «ourada». Desafia-se do Norte a Sul na mesma aspiração, como nesta quadra de S. Simão de Novais (n.º 284):

*Sou Malala, sou da Mala,
Trago chapéu à vareira,
Também sei falar de amores,
Como qualquer lavradeira.*

Este traje de policromia triunfante é a andaina de festa. Para os trabalhos, em que se



emprega a mulher do Minho, talvez a que mais estende ao exterior a labuta feminina e mais pesadamente auxilia ou supre o homem, tem ela trajos mais simples, se bem que manifeste sempre cor local no amanho e o sentido decorativo, característico. Que, mesmo assim, ainda a mulher do Minho é a mais colorida.

No condicionalismo a que obedecem estes factos de notória unidade espiritual, não haverá causas aparentemente demonstráveis?

Os fenómenos etnográficos provêm de dois fundamentos: o primeiro é o ambiente natural, em que se reúnem a situação geográfica, o clima, o aspecto físico, a flora e a fauna; o segundo é o ambiente cultural, formado massivamente pela influência histórica, carácter económico e organização social.

Disse Ch. Wagner (*La Vie Simple*, 1917, p. 215), que o traje não é apenas uma cobertura, é um símbolo. E Fialho confirma-o quando no *País das Uvas* (1915, p. 37), chama ao camponês «emanação da paisagem». Ora o Minho é um mosaico variegado, com os «campos minhotos, esverdeados de lameiros, hortas, milheirais, vinhedos, terras regadias como prados, chãs como a palma da mão», na narrativa de Antero de Figueiredo (*Senhora do Amparo*, p. 2).

Entre serras ao Nascente, e o mar ao Poente, montes cobertos de pinheiros, carvalhos, sobreiros, rios suaves de água azul e margens frondosas, Minho, Lima, Ave e Cávado, capelinhas brancas no cimo dos montes verde-negros, hortinhas tenras, milharais verde-claros, casais, giestas em flor, vinhedos largos, videiras de enforcado às sanefas na beira das estradas, espigueiros vermelhos, pastos verdes nas vertentes, lameiros, prados cheios de papoilas, trigoais e searas de centeio... simfonia de cores, desirmanadas, irritadas, guerreando-se. Negro de soutos a enquadrar terras de linho azul e de searas louras. Pinhal e rosmaninho, oliveiras, papoilas e trevo. Regumante, colorido, policrômico. Mar, céu, montanha, verduras.

A contemplação da natureza enche os olhos de multiplicidade e repetição de cores, com contrastes e harmonias. O clima suave, a topografia variada, as reduzidas dimensões dos campos, o estiraçar lento dos vazezinhos, marcam limites ao espírito familiarizado com eles. Ponho de parte a gente da serra.

E daí a policromia em todas as criações de gente assim afeita: o traje, a decoração das artes utilitárias, únicas que o povo compreende e em que consiste a sua estética (embelezar o que utiliza), olaria, jugos rendados e pintados, tecelagem, e até a iluminação à moda do Minho. O linho fornece a matéria prima: linho, estôpa, tomentos. A lã dá os bureis, junta com a estôpa as serguilhas, liteiras, e com algodão os amanteados, para resguardos e agasalhos.

O ambiente criou um estado de espírito. O meio histórico, económico e social pôs em trabalho essa capacidade criadora. Usa, serás mestre, — diz o ditado velho, — António Delgado recolheu (*Adágios Portugueses*, 1924, p. 227). A realidade cumpriu.

O traje manifesta a sensibilidade estética de quem o usa no seu meio; isso já acontecia com o seu precedente adorno e distintivo corporal, fôsse a pintura cicatrização ou tatuagem do corpo. O traje serviu de distinção de tribo e foi com ela insignia política e religiosa, tendo portanto finalidade de contraste e acção guerreira. Ainda mais, o traje procura chamar a atenção e provocar o agrado para quem o usa. Por estes motivos o traje no ponto de vista histórico e social é produto de muitas convergências, desde o simples ornato ao fenómeno sexual e à manifestação artística.

No aspecto económico, ele representa o resultado inteligente do aproveitamento das facilidades naturais pelo homem. A alma criadora estava formada pela reacção sobre o meio ambiente, faltava a técnica. Que o bom aparelho faz o bom oficial, o axioma criou e desenvolveu a indústria.

A princípio o necessitado fabricava o que precisava. Depois, porém, as condições de trabalho desenvolveram-se, não ficando reduzida a indústria à manufactura das necessidades; acumulava para trocas, servindo a economia doméstica em trabalho constante, doméstico também.

Os teares desta indústria caseira foram-se



desenvolvendo com o aperfeiçoamento dos factores de concepção e técnica da mão de obra. O entrançado de peles e couros cedeu o lugar ao tecido; do tear improvisado passou-se ao meio tear, até atingir o tear de tecido inteiro no fiado de urdir e de tapar. E o tear de pedal; a mulher do Minho, com os pés nas apeanhas, marchas ou espremedeiras, para subir ou descer os fios, fazia bailar a lançadeira no tic-tac alegre que enchia as aldeias.

Hoje a actividade, em alguns centros ainda existente, e êsses são os de tipologia conservada, é reduzida ao mínimo, que alimenta os últimos estímulos de perdido localismo.

A degeneração e a perda dos trajos procedem de duas causas: a causa económica e a causa política, estas já por si providas da crise económica e da crise política. A máquina fabril matou a indústria do lar, que só resistiu em determinadas condições de excepção, não atingidas suficientemente pelo braço longo da oficina; é êste o caso do traje festivo e de outros derivados ou trajos de semana do concelho de Viana, como é também o do preparo do linho que representa fonte de receita caseira.

A asfixia da vida local com a organização política do liberalismo, provocou o desinteresse dos poderes municipais pela política interna da protecção às riquezas regionais, fôsses de ordem espiritual, fôsses de ordem material. O traje, que foi distintivo de tribus, de bandos, de regiões, que destruição necessária que todos os interessados nela procuravam manter, devia ser tão estimulado e defendido como a bandeira da vereação e as regalias do concelho.

Assim, batido pela crise económica, desprezado pelo poder, o traje foi-se perdendo, confundiu-se no *mare magnum* da moda comum, mais barata e menos trabalhosa de obter, e mais aproximado da camponesa da senhora da vila, que quer imitar. Aqui e além, por continuidade, mas sobretudo por imposição económica, prevalecem caracteres velhos da indumentária local.

É ainda a minhota que revela, nas mesmas proporções talvez de outrora, a policromia da sua formação estética. E a que em terras de Viana deixa para os dias de festa o seu traje riquíssimo de cor, evidencia a reacção étnica às forças do extermínio, dando as honras de gala maior à maneira antiga e tradicional do seu vestir. Só mantendo todos até os mínimos característicos próprios, pode manter-se o espírito activo que prende o homem à terra. Então será essa a orientação prática, para que sempre a mulher do Minho possa cantar com orgulho:

Sou do Minho, sou minhota.

LUÍS CHAVES.

AS GRANDES FIGURAS DA LITERATURA MUNDIAL

D. RAMON DEL VALLE INCLAN

E OS "ESPERPENTOS" LITERARIOS

O ESCRITOR

Figura estranha, na qual se adivinham todos os misticismos e todos os ímpetos pagãos; mixto de frade ascético e de aventureiro capitão de legiões... Figura sêca, hirta, obsecante, envolta assim como num halo de pobreza digna e de nobre altivez.

Máximo orgulho no olhar perfurante e mão dura no trato com os velhacos. Capa espanhola, caída gentilmente sobre os ombros como uma clâmide de altivo centurião romano. Nobreza e desêem no rosto, um pouco cansado; altanaria no ademane, adquirida nas suas refregas com os malsins. Melena caudalosa e branca; barbas prateadas, em ponta; óculos de abade intelectual; olhos aquilinos, inquisidores. Com freqüência, nos lábios finos, cruéis, o sorriso subtil, flor de ironia...

Este gran Don Ramón de las barbas de

chivo! tem uma figura moral tão interessante como a física. Passou por cima de todos os plebeísmos conservando, íntegra, a pura aristocracia do seu espírito. Foi inútil que a incompreensão, a mesquinhez ou a falácia alheias tentassem, por vezes, encurralá-lo; foi inútil também que a miséria ou as tentações da riqueza se propuzessem corrompê-lo. Vãs e estêreis, tôdas as formas da torpe adulação. Ele sabe manter-se erguido. Férrea vontade de velho fidalgo; coragem feita de fibras nervosas; rochedo inabalável, no meio da tormenta desencadeada. Nenhum contacto com os plumíferos néscios, vis lisongeadores de todos os Segismundos. Nenhum contacto com os rasteiros aduladores, que curvam a cerviz e contam as moedas de cobre, produto da venda das suas consciências carcomidas. Nenhum contacto com os académicos ôcos, inflados de seriedade asinária, com as suas librérs resplandecentes e as suas barrigas hidrópi-



O último retrato do insigne autor do «Ruedo Ibérico»

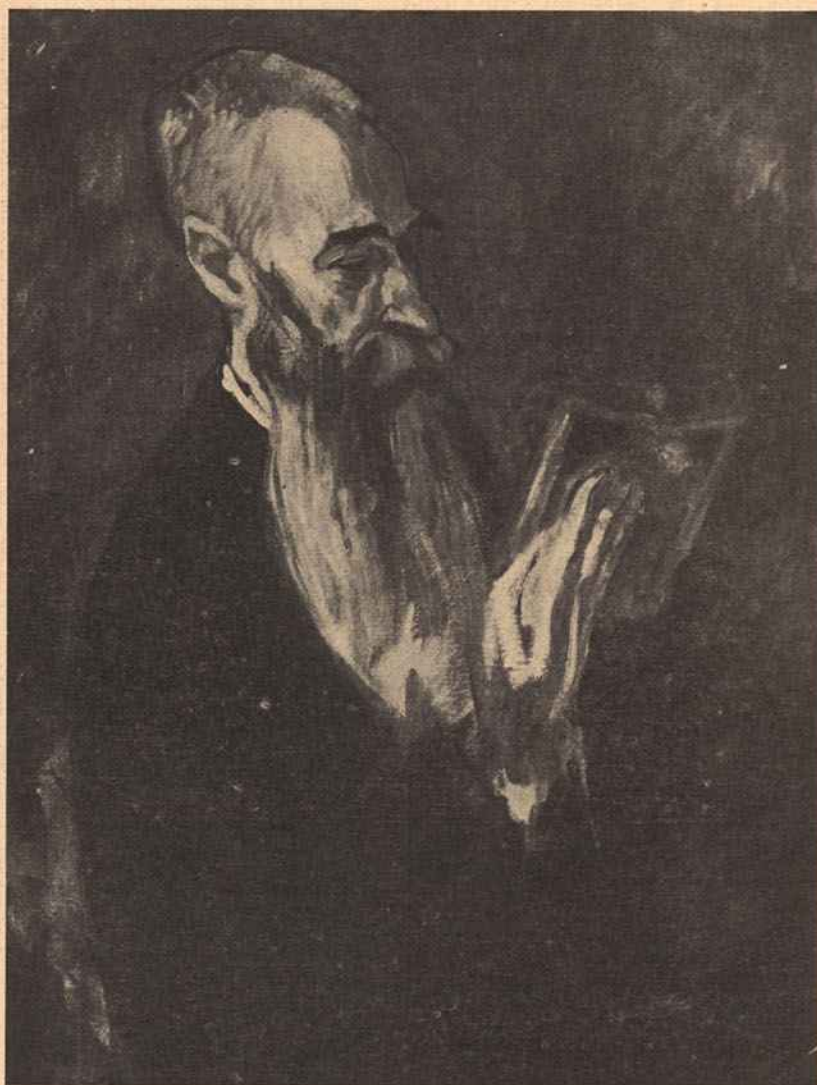


Don Ramon del Valle-Inclán com os seus filhinhos

cas. Don Ramón encara-os com desprezo. Porque o artista puro apaixonava-se e inflama-se, de repulsa, perante as tristes claudicações; de amor ardente, como lava de vulcão, ante a honestidade gloriosa da sua arte.

Uma repugnância invencível, um ímpeto rebelde e indômito levaram-no a cinzelar os seus *Esperpentos*, como protesto vivo, como picareta implacável contra essa ralé que merece as apóstrofes do poeta (!).

(*) Valle-Inclán publicou nos últimos tempos três livros esplêndidos, de uma poderosa força satírica; três livros que o colocam ao lado de Quevedo, o génio indiscutível da sátira de raiz hispérica, e que marcam uma modalidade distinta do resto da sua obra, das *Sonatas* em especial. *Luces de Bohemia*, *Los cuernos de D. Friolera* e *Farsa y licencia de la reina castiza*, são as obras a que nos queremos referir. As três foram baptizadas pelo seu autor com a denominação genérica de *Esperpentos*. O último destes citados *Esperpentos*, cujo conteúdo é uma série de estampas cromáticas e andares da jocosa corte isabelina, deu ensejo a Valle-Inclán para permitir-se um dos seus famosos gestos. No mesmo dia em que este livro famoso viu a luz da publicidade, ainda com a tinta fresca, Don Ramón teve a gentileza de oferecer um exemplar ao Rei, com a seguinte dedicatória: «Señor: unio-vos este libro, estilização do reinado da vossa senhora avó; e faço votos ferventes porque o vosso reinado não inspire a mesma estilização aos poetas do porvir.»



Retrato inédito de D. Ramon del Valle-Inclán, pintado por Juan Echevarria

Diatríbe assanhada e estentórea, quasi truntesca, perfeitamente a tom com aqueles a quem é dirigida; catilinária mordaz, que adquire um máximo poder acusatório nos lábios do másculo escritor. Porque êle é o homem limpo que pode acusar; porque êle soube permanecer incólume, entre tôdas as privações, entre tôdas as sensorias; porque êle tem sobrada força moral para empunhar o *Esperpento* como uma blasfêmia e como uma condenação.

Impuz-me normas luminosas e firmes como um cerco de espadas — diz-nos. — Açoitei a alma nua e sangrenta com cingulo de ferro. Matei a vaidade e exaltei o orgulho. Quando em mim se removeram as larvas do desalento, e quasi me envenenou um desespero mesquinho, soube castigar-me como um santo monje tentado do Demônio. Saí triunfante do antro das víboras e dos leões. Amei a solidão, e, como os pássaros, cantei só para mim.

A antiga dôr de que ninguém me escutasse fêz-se contentamento. Pensei que estando só podia ser a minha voz mais harmoniosa, e fui ao mesmo tempo árvore antiga e rama verde, e pássaro cantor. Se houve alguma vez ouvidos que me escutassem, eu não o soube nunca. Foi a primeira das minhas Normas.

Mas agora, não. Cheio de amargura, não de amargura pessoal, que de essa o curam as Musas, mas da amargura que ferve nos clamores do povo, lança os *Esperpentos* cortantes, acerados, incisivos. E interessa-lhe ter os ouvidos atentos, e propõe-se ser ouvido até pelos próprios surdos... Por isso decompõe a sua fleuma galaica; por isso insulta, grita e vocifera.

Na Espanha actual — disse num brinde dum banquete há já alguns anos — só há um

género de vida digno, que consiste em viver como os ciganos, à margem da lei.

Fidalgo corajoso e valente, epígono quixotesco nesta hora de nauseabundo materialismo, tinha que sovar à vergastada a ralé estúpida dos lacaios. E assim, como certa noite, indignado contra um violinista mediocre, que desafinava horrivelmente, promoveu um escândalo em certo café madrileno, gritando como um possesso: *Que se calle ese rascatripas!*, agora, expandindo a sua indignação, longos anos acumulada, vocifera nos *Esperpentos*: *Que bailem os fósseis da Academia! Fora todos êsses cretinos da política indigena! Fora todos os falsos patriotas, escória e sucata, tartufos sem escrúpulos, que há tanto tempo envilecem e deshonram a Espanha!*

Todo o espanhol consciente e honrado deve acolher com viva simpatia estas nobres estridências de Don Ramón Maria del Valle-Inclán.

DEFINIÇÃO DO «ESPERPENTO»

*O «esperpentismo» foi inventado por Goya — diz-nos o poeta Max Estrella, protagonista do «esperpento» *Luces de Bohemia*; e prossegue: *Os heróis clássicos foram passear pela via do Gato. Os heróis clássicos reflectidos nos espelhos côncavos, dão o Esperpento. O sentido trágico da vida espanhola só se pode dar com uma estética sistematicamente deformada. Espanha é uma deformação grotesca da civilização europeia. As imagens mais belas num espelho côncavo, são absurdas. A deformação deixa de ser deformação quando está submetida a uma matemática perfeita. Deformemos a expressão no mesmo espelho que nos deforma as caras, e toda a vida miserável de Espanha.**

O Esperpento literário é, em realidade, uma água forte que exalta ardentemente o sentido tragi-cômico da vida. E como o grotesco é um elemento indispensável ao esperpentismo, daí que a vida nacional se amolde, dum modo absoluto, a essa inquietante modalidade artística criada por Goya.

E tinha que ser um espanhol quem plasmasse em obra de arte e de imaginação o doloroso espectáculo do povo hermético e pitoresco que lançava ao ar clamorosas saudações em honra do adorado Fernando, um dos reis mais funestos de tôdas as épocas.

As sátiras pictóricas dum Teniers, não são, em realidade, verdadeiros *esperpentos* porque não palpita nelas o fundo de tragédia que lhes é indispensável.

O velho libidinoso que roça com ardor senil as carnes da roliça môça, no canto mais lóbrego da casa, não é, de forma al-

guna, o herói clássico de que nos fala Max Estrella. Mas a poderosa individualidade espanhola, asfixiada num ambiente mefítico, descende em linha directa dos guerreiros dominadores da América; e a tragédia obscura da sua asfixia, a tragédia grotesca da vida que os rodeia, pedem a gritos os moldes adequados do *Esperpento*. O leão convertido em gato dengoso; eis o herói clássico deformado pelo espelho côncavo.

Julguei oportuno recordar aqui as mofas satíricas de Teniers para que, estabelecida a diferença entre o matiz das suas sátiras e o das de Goya, possa o leitor formar mais exacta ideia da verdadeira posição estética do *Esperpento*. Claro está que a tragédia viva e palpitante é o seu fulcro principal.

Consideremos, porém, que a tragédia pode ser de duas classes: a tragédia pura, e a tragédia bufa ou tragi-comédia, que, sem perder a sua natureza trágica, está fatalmente impregnada de grotesco. Evidentemente que para plasmar cada uma delas é forçoso recorrer-se a processos diferentes. O esperpentismo é, por consequência, a aspiração estética que trata de construir obras de arte

com os elementos reais extraídos de qualquer tragi-comédia humana, quer seja individual ou colectiva.

Os poetas russos, por exemplo, não podiam sentir o esperpentismo; porque a tragédia do seu povo era digna de ser perpetuada pelo génio trágico dum Sófocles.

E assim, Alexander Blok, o maravilhoso exégeta da revolução bolchevique, o poeta mágico e evangélico de *Os doze* e de *Os Escritos*, fala-nos em tons cálidos e potentes da escravidão do povo russo e faz-nos sentir a amargura da sua tragédia formidável. E até os que passam por humoristas, como Antón Chekoff, nos apresentam esses tipos taciturnos, abúlicos, esmagados sob o peso dum ambiente fôco, mesquinho, torturante. E também nos fazem sentir a tragédia quotidiana destes seres vulgares, provocando-nos os mesmos calafrios que nos provocam os escritores apocalípticos.

Todos, todos eles, nos falam fervorosamente da Rússia esfomeada, inculta e oprimida. Todos levam sobre os ombros a terrível carga do seu mísero destino. E o acento das suas palavras é sempre trágico, desolador...

Por isso, lá não podia arraigar o esperpentismo. Entre nós surge o *Esperpento* como expressão artística e rebelde mais em harmonia com o meio.

Citarei os quadros de Gutierrez Solana, e muito especialmente *Carnaval na aldeia*, como exemplos contemporâneos muito aceitáveis e sinceros de esperpentismo pictórico.

Don Ramón Maria del Valle-Inclán julgou necessário, benéfico, oportuno e até patriótico perpetuar a tradição grotesca, condensando com duros perfis de água forte a vida espanhola dos fins do século XIX e princípios do século XX.

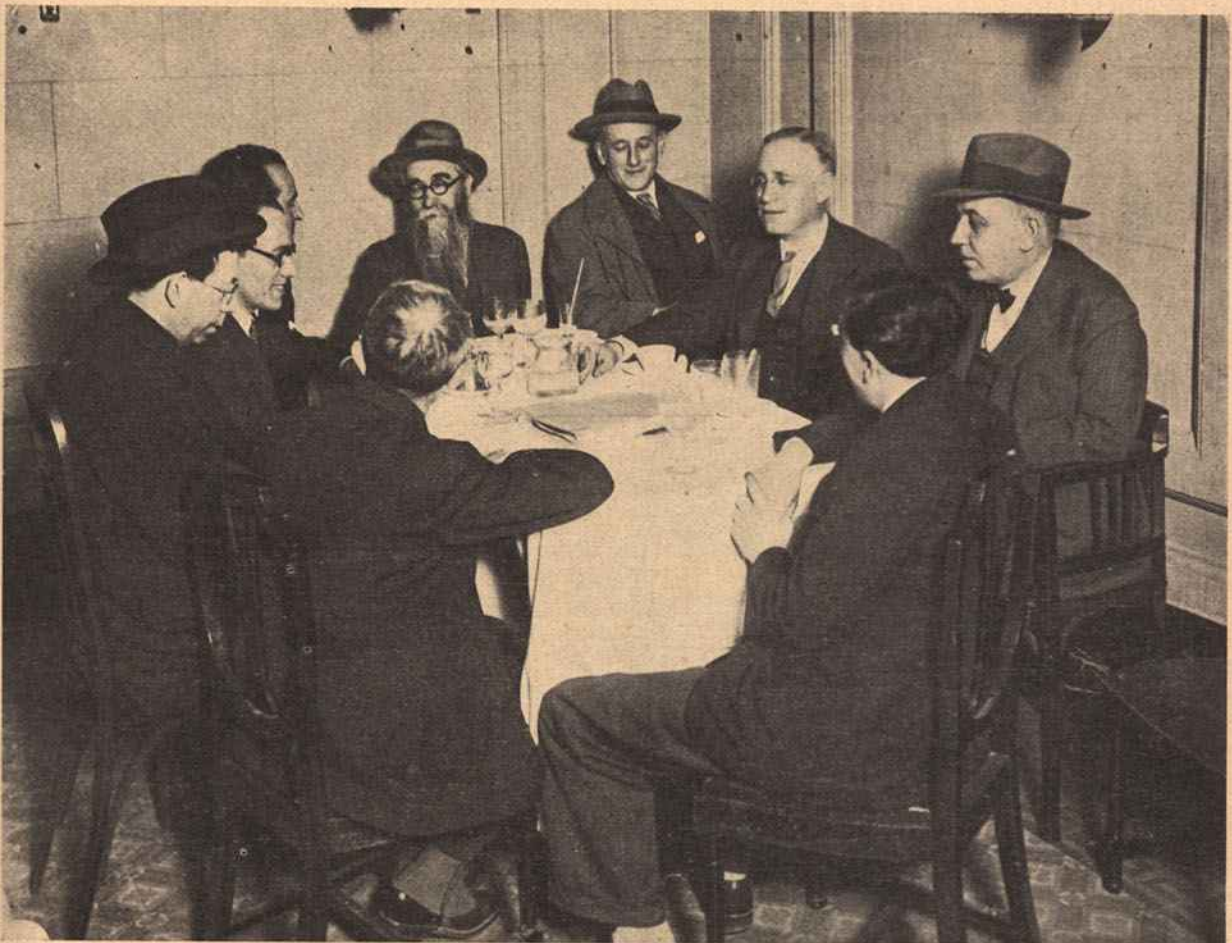
Ao ressuscitar, o *Esperpento* dá uma nota de galhardia que nos enche a alma de optimismo. Porque, como disse Luís Bello, mestre dos jornalistas hispânicos, esta atitude perante os acontecimentos é a mais franca e a mais honrada, e mais digna...

Consiste, simplesmente, em arrojarmos para a carroça do lixo tudo aquilo que não merece outro destino.

Madrid, Maio de 1930.

FRANCISCO PINA.

(Invitado e especial para «Ilustração».)



Um aspecto da célebre tertúlia de Valle-Inclán, no Café Regina, de Madrid. Da esquerda para a direita, de frente: Luís G. Bilbao, Novais Teixeira, Paulino Masip, Don Ramón Maria del Valle-Inclán y Montenegro, Ricardo Baroja, Díez-Canedo e Negreira. De costas: Inácio Carral e Torroba.

FREDERICO DE FREITAS

FALA À «ILUSTRAÇÃO» SOBRE:

O NACIONALISMO NA MÚSICA—O MOMENTO MUSICAL PORTUGUÊS—A ÓPERA—O QUE SERIA PRECISO PARA IMPOR A MÚSICA PORTUGUESA—UMA GRANDE COMPANHIA DE BAILADOS—ALGUNS NOMES—A CRÍTICA



Corina Freire, interprete predilecta do jovem e illustre compositor

Muito novo ainda, Frederico de Freitas pode já hoje, sem favor, incluir-se entre os nossos compatriotas de mais talento. Num dado momento o seu nome soou como um toque de alvorada. Depois, houve um largo silêncio de expectativa. Entravamos naquela fase em que a alma do artista se fecha como as pétalas duma sensitiva, para ressurgir engrandecida e levantar mais largos vãos.

— No entanto não julgue que não tenho trabalhado, disse-nos ele com simplicidade. Não há ainda quinze dias que se publicaram cinco cadernos com músicas minhas...

— A *Ilustração* anda empenhada em esclarecer e definir, e por ventura orientar, a nossa vida musical. Nesta ordem de ideias, compreende que o seu depoimento nos é necessário... Para começar gostaríamos que nos dissesse o que pensa do nacionalismo na música portuguesa.

— A palavra «nacionalismo» tem agora um sentido incomparavelmente mais amplo do que há meia dúzia de anos. Ainda que hoje predomine o individualismo na arte, o nosso nacionalismo musical tem de estar em íntimo contacto com tódas as principais correntes e influências musicais do mundo.

— As correntes e influências a que se refere parecem-lhe interessantes?

— Muito. Destaco desde já três nomes: Stravinsky, Honnegger e Prokofieff.

— Ravel não lhe interessa?

— Certamente que sim. Tenho a maior admiração por Ravel.

— A orquestra de Pedro Freitas Branco deu-nos outro dia o «Bolero», a última obra

dêsse compositor, a quinze dias apenas da sua primeira audição em Paris.

— Deixe-me dizer que considero Ravel principalmente um humorista. Por vezes, chega mesmo a dar-me a impressão de estar brincando.

— O público que enchia o Tivoli recebeu o «Bolero» com tanto entusiasmo que o maestro o incluiu no programa da sua festa artística...

— A mim, o «Bolero» afigura-se-me uma

dedicado à música ligeira, o seu interesse pela música pura não diminui.

— Pelo contrário. Tem aumentado. Além disso, quando há um bailarino como Francis, uma voz como a de Corina Freire, e cortinas como as de António Soares, mesmo dentro da revista podem fazer-se coisas muito interessantes.

— Como lhe veio a ideia de trabalhar para a revista?

— Convidaram-me para escrever uns núme-



«Camélias de Sintra» — Número popular de Frederico de Freitas interpretado por Corina Freire e coro do Maria Vitória

«charge» ao casticismo da música espanhola, que procura sempre as notas mais agrestes e agudas. «La Valse», do mesmo compositor, é também uma «charge» á valsa vienesa, mas aí conseguiu Ravel realizar uma verdadeira obra de arte, o que julgo não succeder com o «Bolero». Quer vêr? E Frederico de Freitas mostrou-nos um enorme e luxuoso exemplar da partitura de «La Valse», dizendo-nos: — Não descansei enquanto a não adquiri, apesar de ser caríssima. Ao lado, em edições modestas, havia o «Pacifico», «La tempête» e outras obras de Honnegger.

— Vejo que, embora ultimamente se tenha

ros para a «Agua Pé». Aceitei. E, como agradassem, tenho continuado... Mas a minha incursão pela revista é um simples incidente.

— Sim; isso para si deve ser-lhe extremamente fácil...

— Não tanto como pode supor. A música para a revista deve ter interesse e ser, ao mesmo tempo, tão fácil que o público saia do teatro assobiando-a. É essa a dificuldade mais custosa de vencer...

— A música teatral de grande estilo, a ópera, não o tenta?

— A ópera é um género cansado e um pouco ingrato para o compositor. Por aqui pode avaliar: depois de Wagner a única coisa verdadeiramente nova é o «Peléas et Mélisandé», de Debussy. Há uma grande dificuldade em substituir as velhas formulas... Mas não julgue que a ópera me interessa tão pouco, que a não tenha eu próprio tentado.

— Eis uma notícia curiosa e inédita...

— Nos meios musicais já o não é. Pedro Blanch tocou o «Prólogo» num dos seus concertos do S. Luís, e, eu próprio, tenho dado a conhecer alguns trechos em concertos organizados por mim.

— Como se chama a sua ópera?

— Luzdor.



Interpretação dum número da revista de Frederico de Freitas «As tricanas», que se tornou popular



«As lavadeiras de Canecãs», o maior sucesso popular de Frederico de Freitas

— E qual é a intenção desse título?

— Tem uma significação simbólica. Ai daquele que andar buscando a luz e a verdade, porque no seu caminho encontra apenas a treva e a dor. Este tema presta-se muito ao desenvolvimento musical. E o libreto tem uma inegável originalidade. No prólogo e dois actos de que se compõe a ópera, só o protagonista aparece em scena. As outras figuras ficam entre bastidores.

«Mas é melhor não falar em tal. Isto assim contado pode até parecer ridículo...»

— Actualmente está trabalhando em alguma outra?

— Não senhor. A ópera já me não tenta. Agora tenho um outro objectivo...

— Que vem a ser?...

— A organização duma grande companhia de bailados. Há muito que eu penso nisto, e julgo ser este o meio mais fácil e melhor de tornar conhecida a música portuguesa lá fora.

«Veja os russos, e até os nossos vizinhos espanhóis. A companhia de bailados da genial Argentina tem entusiasmado Paris.»

«Nós não estamos em condições de inferioridade ao lado dos espanhóis, nem mesmo dos russos.»

O nosso «folklore», a nossa paisagem, os nossos costumes, prestam-se duma maneira única a esse aspecto da arte.

«Motivos coreográficos e musicais não nos faltam. Há-os magníficos. Poderíamos fazer desde o pequeno bailado até aos grandes grupos corais. Sabe lá o que se pode realizar com algumas das nossas dansas mais características! E os arraiais, e as romarias! Poderiam até dar lugar a grandes poemas sinfónicos.»

«E a terra está ainda virgem. As colecções de cantos populares e as rapsódias, teem um mero interesse de arquivo, só revelando da parte dos seus coordenadores falta de poder criador e de inspiração...»

— Já realizou alguma coisa nesse sentido?

— Já... De todas as minhas obras tocadas em público a que maior êxito obtive foi a «Lenda do Bailarim», que o maestro Blanch levou no último ano de concertos no S. Luís.

— A «Lenda do Bailarim» é...

— Música para um bailado. O êxito obtido causou-me grande alegria, animou-me a persistir no meu projecto, ou antes no meu sonho.

— Acha o Frederico de Freitas ser o bailado o caminho a seguir para o desenvolvimento e para o prestígio da música portuguesa no estrangeiro?

— O caminho a seguir por mim. Cada um de nós tem uma personalidade e um critério diferentes.

— Quer dizer-nos alguns dos motivos musicais e coreográficos a desenvolver?

Senti que Frederico de Freitas se retraía,

com o pudor do artista que não quer revelar o seu segredo, e foi com um sorriso contrafeito que respondeu:

— Permita que me cale, por agora... Se um dia conseguir o que desejo, então se verá...

— De entre os músicos portugueses quais

são aqueles com que lhe parece podermos contar para o nosso ressurgimento musical?

— Eis uma pergunta melindrosa e difícil... Contudo, sempre lhe direi que Luís de Freitas Branco tem um altíssimo valor. As suas sinfonias são alguma coisa de muito belo, e que um dia terão a sua hora de justiça... E ainda como professor é ele a única pessoa que em Portugal tem categoria e competência para ensinar composição.

«De Rui Coelho destaco a sua música sinfónica e os seus «lied». Há na sua obra algumas páginas admiráveis, que não de ficar. Como regente, gostei imenso de ver Pedro de Freitas Branco dirigir os espectáculos de ópera. Está ali um maestro.»

«E outros ainda, que não cito para não esquecer involuntariamente alguém, levam-me à convicção de que estamos no início da nossa afirmação musical.»

— A influência da crítica faz-se sentir benéficamente nesse ressurgimento.

— A crítica é uma coisa que entre nós não existe. E o que para aí se convencionou chamar crítica apenas pode ser prejudicial aos artistas.

AMÉRICO DURÃO.

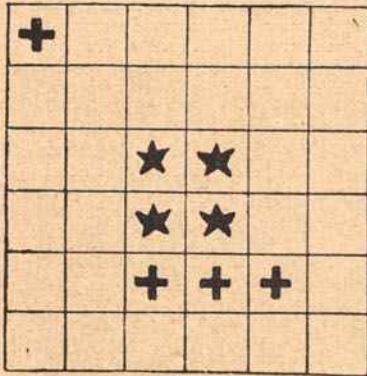


Frederico de Freitas no seu gabinete de trabalho



Passatempo

ESTRELAS E CRUZES (Problema)

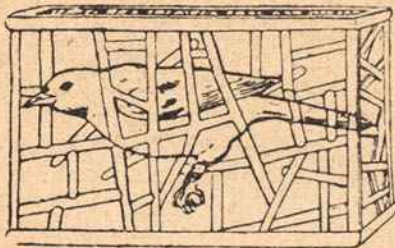


Este problemzinho requer alguma habilidade devido à posição embaraçosa daquela cruz lá em cima no cantinho.

Trata-se de cortar o quadrado em quatro partes, ao longo das linhas, de modo que cada parte seja exactamente do mesmo tamanho e feição e contenha, cada uma, uma estrela e uma cruz.

解 答

O PÁSSARO FUGIDO (Solução)



A gravura indica a maneira de colocar novamente o pássaro na sua gaiola.

解 答

O Sousa estava mais uma vez fazendo as suas queixas com respeito ao telefone.

— Peça eu o número que pedir — exclamava ele furioso — está sempre impedido, impedido, impedido!

— Ouve lá, ó Sousa — interrompeu brandamente o seu amigo Silva — o que, com certeza, não podes dizer, é que alguma vez o número trocado estivesse impedido, hein?

解 答

Preguntando-se a Aristoteles o que lhe parecia mais difícil neste mundo, respondeu:

— Saber calar um segredo.

SEGURANDO AS RÉDEAS

O marido, levianamente. Tinham acabado de chegar da sua viagem de núpcias: — Se eu não tiver vindo do club às... dez horas, meu amor, tu não esperes.

A esposa (com assustadora firmeza): — Não, querido; vou-te buscar!

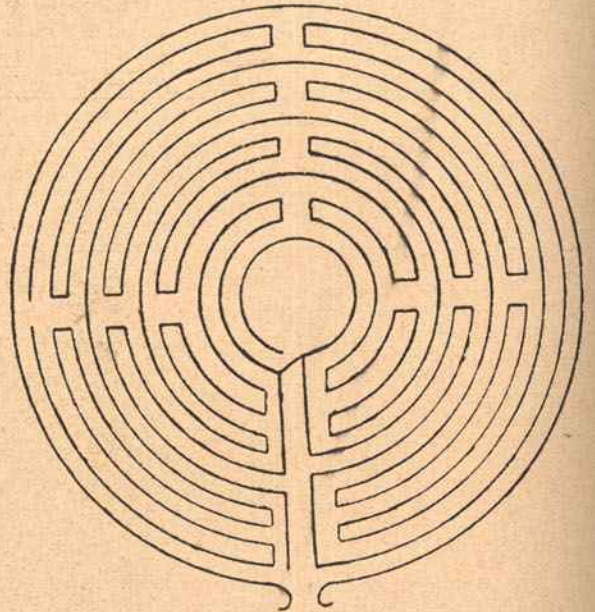
As 9.45 já ele estava em casa.

解 答

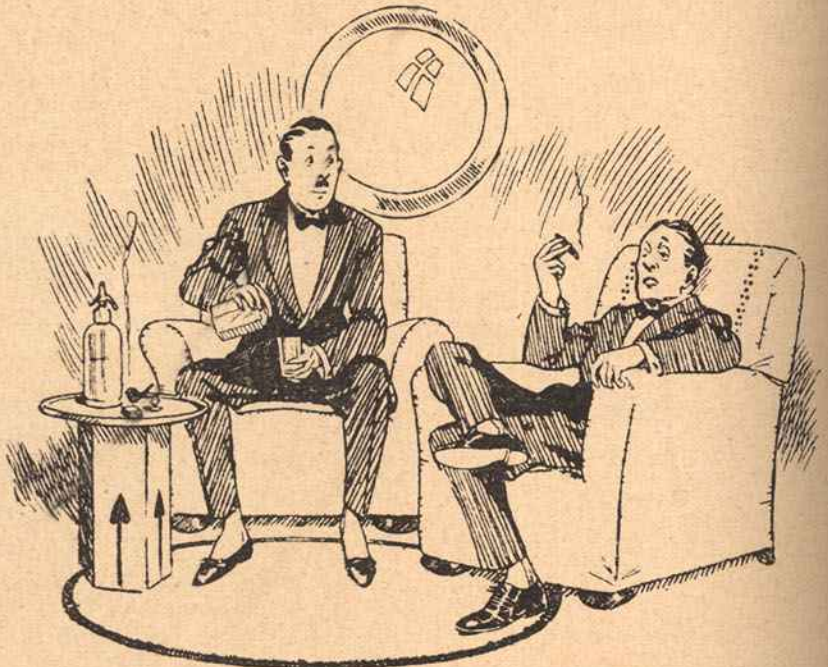
Morrera havia dias o filho único de uma viúva, a qual, tendo-o tratado até ao último momento com o maior desvelo, se abandonava agora à mais pungente dor.

O prior da sua freguesia, respeitável eclesiástico, cuidando em consolá-la, fazia-lhe notar a obediência que mostrou Abraão a Deus no sacrificio de Isaac; ac que a desconsolada viúva respondeu:

— Ah! meu padre, não vem isso a propósito, porque Deus tal não mandaria a quem fôsse mãe.



LABIRINTO



— Encontrei hoje o Mesquita e disse-me que ia casar.

— Alegria-me sabê-lo; e daí... não sei por que me hei de alegrar, é coitado, nunca me fez mal nenhum!

«UMA TONALIDADE LIMPIDA, UMA REPRODUÇÃO PERFEITA... É O QUE EXIJO»

diz Elisabeth Schumann, a admiravel cantora de «lieder»

OS aparelhos «His Master's Voice» são de uma assombrosa pureza de tonalidade e de reprodução. Ao ouvi-los, tem-se a impressão directa de que se estão ouvindo os próprios artistas.

«Uma tonalidade limpida, uma reprodução perfeita... é o que exijo», diz Elisabeth Schumann, «e nisto o meu gramofone «His Master's Voice» dá-me uma satisfação completa. Escutar as obras que nêle se reproduzem representa um auxilio importante nas minhas horas de estudo e um constante prazer durante aquelas em que descanso.

Elisabeth Schumann grava exclusivamente para «His Master's Voice». Peçam, pois, em qualquer casa que venda aparelhos e discos desta marca, uma audição dos discos deste repertorio. E, aproveitando essa oportunidade, peça tambem uma audição dos discos recentissimos de Apollo Granforte, Jascha Heifetz, Fanny Heldy, Fritz Kreisler, Tito Schipa, etc., etc., que são artistas que gravam exclusivamente para «His Master's Voice».



Elisabeth Schumann dispõe-se a ouvir, no seu «His Master's Voice», a sua própria voz, cantando um dos admiraveis «lieder» em que é suprema

Alguns discos de Elisabeth Schumann

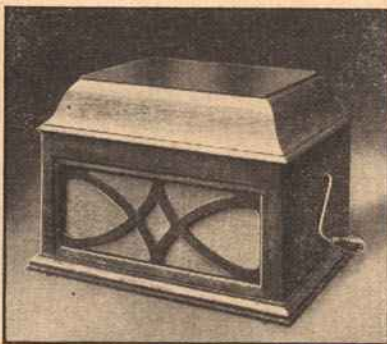
Nozze di Figaro: Venite, inginocchia- Nozze di Figaro: Voi che sapete?
tevi; Non so più cosa son—DA-844 DB-946.

Don Giovanni: Vedrai carino, se sei Nozze di Figaro: Deh vieni, non
buonino; Alleluia—DA-845. tardar—DB-1011.

*Don Giovanni: Batti, batti,
O bel Masetto—DB-946*



*Il Re pastore: L'amerò,
sarò costante—DB-1011.*



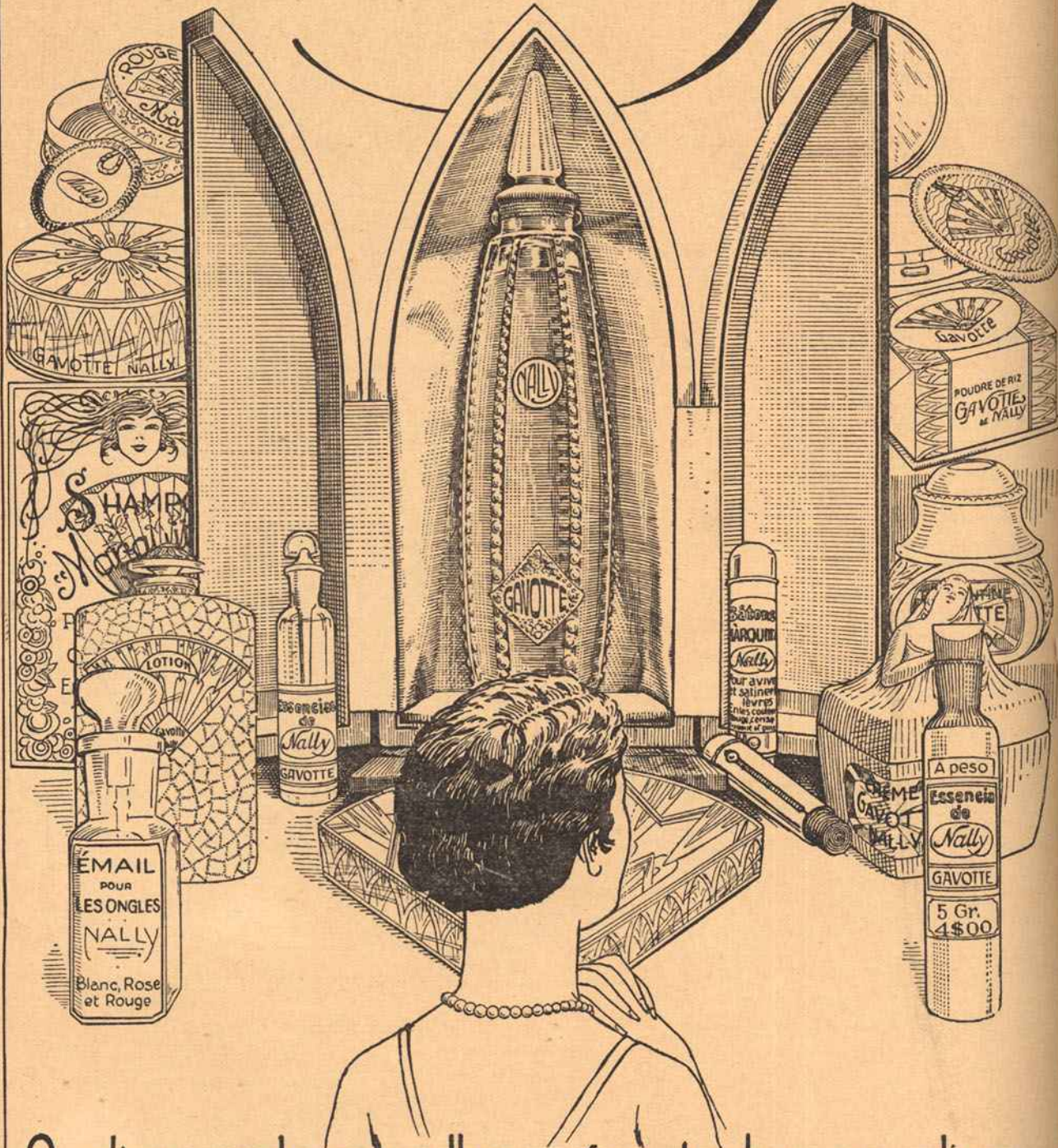
O novo modelo de mesa N.º 104 oferece a mesma perfeita sonoridade que os aparelhos grandes. Esc. 4.500 \$00

«HIS MASTER'S VOICE»

GRANDE BAZAR DO PORTO LTDA.

Rua Augusta, 150-152, Lisboa Rua de Sta. Catharina, 192-198, Porto

Nally



O altar onde a mulher réza todos os dias...

BIBLIOTECA
DE
INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

A mais completa que se publica em língua portuguesa, e tão proficiente como a melhor das que se editam no estrangeiro

ULTIMO VOLUME PUBLICADO:

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira, e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista.

=====
Livro escrito por uma autoridade no assunto e que muito se avanteja, na soma dos conhecimentos e na clareza da sua exposição, a todos os congéneres até agora aparecidos.

=====
670 PÁGINAS E PERTO DE 715 GRAVURAS

PREÇO 30\$00

=====
OUTROS VOLUMES RECENTES:

FISICA ELEMENTAR pelo cap. VALDEZ BANDEIRA e segundo : : o programa das Escolas Industriais : :

=====
ELEMENTOS DA HISTORIA DA ARTE

pelo prof. e ilustre pintor J. RIBEIRO CRISTINO DA SILVA

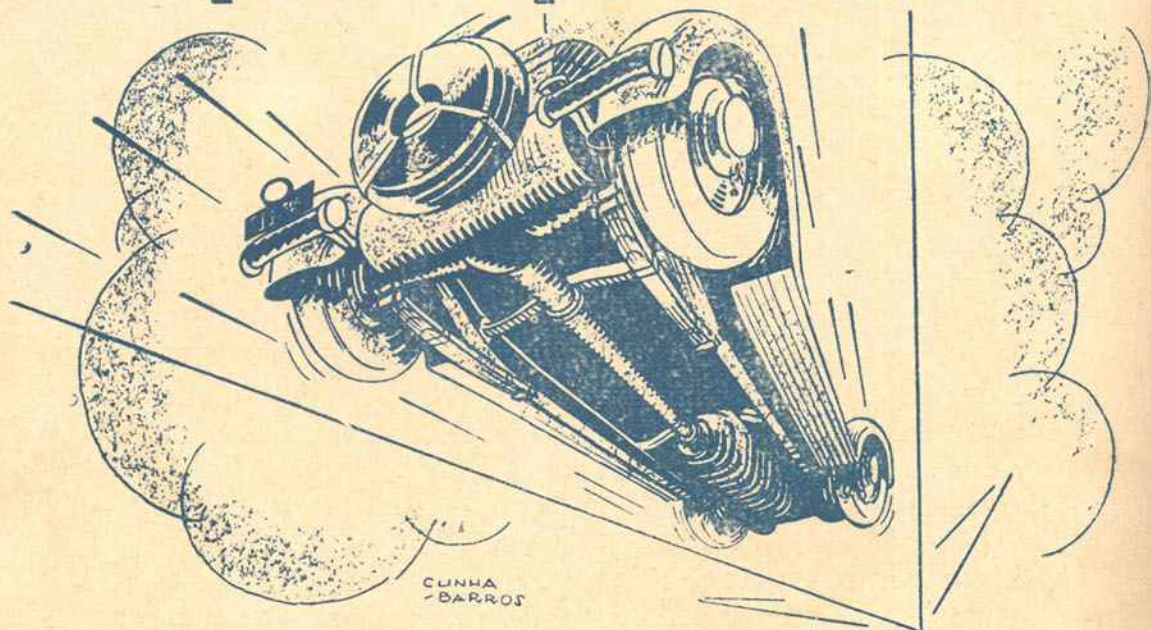
=====
NOVAS EDIÇÕES, NO PRELO:

TRABALHOS DE CARPINTERIA CIVIL
FERREIRO — ELEMENTOS DE PROJECCÕES

Dirigir pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Todas as peças de um motor se opõem a que ele trabalhe.



Não há uma só peça de um motor que não oponha resistência ao movimento produzido pela dilatação dos gases, dentro dos cilindros. O contacto delas provoca, quando em movimento, a fricção, e por isto se vê como é importante o problema da lubrificação, quando se tem em vista o aproveitamento máximo da potencia de um motor.

Nos motores modernos de cilindrada reduzida, alto regimen, grande compressão e elevada temperatura de funcionamento, a lubrificação racional é além disso um factor primordial para a sua conservação.

Por isso o Gargoyle Mobiloil, fabricado pela maior Companhia de óleos lubrificantes de todo o mundo, está sempre a par do desenvolvimento automobilístico, de forma a prover toda e qualquer necessidade de lubrificação.

É esta a razão pela qual entre 10 carros que há para lubrificar, nos carters de 7 deles só entra Mobiloil.

92 % dos fabricantes de carros americanos aprovam o emprego de GARGOYLE MOBILOIL.

629



Mobiloil

O óleo mundialmente preferido pela sua qualidade

REFINARIAS: OLEAN (N. Y.) - ROCHESTER (N. Y.) - PAULSBORO (N. J.) - BAYONNE (N. J.)

VACUUM OIL COMPANY